

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trab. Cent
3455
(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**TRABALHO, COSTUMES E VALORES A CONSTRUÇÃO
DE UM MODO DE VIDA: RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA
DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL
EM ARAGUARI – 1999-2006.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

ROSEVANE DE FÁTIMA MARTINS ARRUDA

3455
5.9(c)

ROSEVANE DE FÁTIMA MARTINS ARRUDA

**TRABALHO, COSTUMES E VALORES A CONSTRUÇÃO DE
UM MODO DE VIDA: RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA DOS
CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL
EM ARAGUARI- 1999-2006.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto
de História da Universidade Federal
de Uberlândia, com exigência parcial
para obtenção do título de Bacharel
em História, sob a orientação da
Profa. Dra Dilma Andrade de Paula.**

Uberlândia, Março de 2007.

Ficha Catalográfica.

ARRUDA, Rosevane de Fátima Martins, 1973.

Trabalho, Costumes e Valores a Construção de um modo de vida: Resistência e sobrevivência dos Catadores de Material Reciclável de Araguari – 1999-2006.

Rosevane de Fátima Martins Arruda – Uberlândia, 2007

80 fl

Orientadora: Dilma Andrade de Paula.

Monografia – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Palavras Chaves: 1.Catadores de reciclável. 2. Trabalho. 3. Valores.

ROSEVANE DE FÁTIMA MARTINS ARRUDA

**TRABALHO, COSTUMES E VALORES A CONSTRUÇÃO
DE UM MODO DE VIDA: RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA
DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL EM
ARAGUARI – 1999-2006.**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dilma Andrade de Paula – Orientadora

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Profa. Dt. Sheille Soares de Freitas

Aos meus pais, Palmiro e Amélia, que certamente simbolizam esses trabalhadores, homens, mulheres e também os migrantes, que ao longo de suas vidas, mesmo diante de uma extrema miséria financeira, deixam de herança para mim e minhas duas irmãs, a sua maior riqueza, os seus valores, construídos entre a indignação e a afirmação de sua dignidade, que hoje são responsáveis pelo que eu sou.

AGRADECIMENTOS.

A realização desse trabalho só foi possível devido as valiosas contribuições que ao longo dessa caminhada me foram concedidas. Em primeiro lugar devo agradecer aos Catadores de Material Reciclável de Araguari que concordaram prontamente relatar fatos de suas vidas, mesmo que alguns lhes causassem desconforto. Assim fica o meu eterno agradecimento a vocês, Maria de Fátima Silva, Maria de Fátima Santos, José Camargo, Roberto Pereira dos Santos, Pedro Pereira Alvim, Vanessa Manuelli, Vera Lúcia, Osvaldo Ribeiro e principalmente Marilda de Fátima Balbino que a meu ver simboliza a alma desse grupo, trazendo em seus sentimentos o que é se constituir, o que é SER um Catador de Material Reciclável.

Agradeço também as minhas irmãs, Antônia e Roselane, sem dúvida o meu porto seguro, pelo apoio incondicional me ajudando a superar os momentos mais difíceis dessa caminhada. E as minhas duas grandes amigas, Rosana e Viviane, que sempre estiveram prontas a me ouvir e apoiar, me ajudando a sanar algumas dúvidas.

E com muito carinho agradeço a minha Orientadora Dilma, que com sua experiência conseguiu me ajudar a organizar esse trabalho, e para além disso, ela não foi simplesmente minha orientadora, mas sim um ser humano especial, sempre me recebendo com carinho e atenção, pronta a me apoiar nos momentos de aflição e por acreditar em mim. Por isso não agradeço a Dilma apenas como minha orientadora, mas também como uma parceira nessa caminhada. A você meu muito obrigado Dilma, principalmente pela seu valoroso respeito e paciência.

Todo dia o sol da manhã vem e lhes
desafia, traz do sonho pro mundo quem
já não o queria. Palafitas, trapiches,
farrapos filhos da mesma agonia. E a
cidade com os punhos fechados pra vida
real lhes nega oportunidade mostra a
face dura do mal. A arte de viver da fé,
só não se sabe fé em quê.

(Hebert Viana)

SUMÁRIO.

Introdução.....	9
Capítulo I - Catadores de Material Reciclável em Araguari: quem são esses sujeitos?.....	14
Capítulo II – Sujeito e Cidade: resistência, costumes, valores e práticas sociais, a construção de uma identidade.....	42
Considerações Finais.....	68
Fontes.....	76
Bibliografia.....	78

RESUMO

Esse trabalho buscou compreender a presença dos Catadores de Materiais Recicláveis de Araguari, suas lutas pela sobrevivência, como empreendem suas resistências as mais variadas formas de opressão e exploração, seja essa por parte dos empresários ou do poder público municipal. Assim como esses sujeitos demarcaram seus espaços na cidade, suas condições de trabalho, moradia, saúde e educação em Araguari, no período de 1999-2006.

Sendo que a problemática da pesquisa é buscar compreender como esses sujeitos, mesmo vivenciando uma realidade precária e até mesmo sub-humana, conseguiram construir uma identidade do que é SER um Catador, pleiteando junto a sociedade o respeito a sua condição de trabalhador e de ser humano.

Contudo a realização desse trabalho só foi possível, a partir de um análise da trajetória desses sujeitos, é nesse ponto que a fonte oral assume papel fundamental, pois assim podemos ter acesso ao ponto de vista desses trabalhadores, possibilitando uma problematização, colocando em confronto os seus relatos com outras fontes, as escritas, estas também, assim como o relato oral, congregam discursos que respondem as expectativas do lugar social que representa.

Assim, refletir acerca das vivências e experiências desses sujeitos é buscar compreender como se evidenciam as lutas diárias em busca da sobrevivência, não só física, mas também de um determinado modo de vida construído por eles no decorrer de seu cotidiano, ou seja, a construção de uma cultura, a dos Catadores de Material Reciclável.

Introdução

Quando ingressei na graduação do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, estava com várias dúvidas sobre o que seria a problemática do meu trabalho de final de curso, a única certeza era que eu queria fazer uma pesquisa voltado para as questões referentes à relação entre trabalho e exploração. No decorrer do curso, aumentando o meu leque de leituras acerca desse tema encontrei nas reflexões do historiador inglês E. P. Thompson, o respaldo teórico que eu precisava para a minha problemática, este ao longo de sua obra, buscou problematizar a história de vida dos trabalhadores, não sobre esses sujeitos, mas a partir deles, evidenciando o outro lado do discurso, ou como ele definiu a “história vista de baixo,”¹ ou seja a partir do ponto de vista desses sujeitos. Investigou sobre os trabalhadores ingleses do século XVIII, durante o advento da Revolução Industrial, quando esses sujeitos viram seus modos de vida radicalmente modificados devido à iminência revolucionária. Thompson buscou compreender as vivências cotidianas desses sujeitos, a relação entre trabalho e valores, ou seja, o modo de vida desses trabalhadores, que na verdade é a cultura desses homens e mulheres.

Com isso, os possíveis objetos de pesquisa foram se definindo, pensei em quatro categorias: os bóias-frias, camelôs, Movimento Sem Terra e os catadores de materiais recicláveis,² O ponto em comum entre esses ofícios é que em ambos os casos são compostos por trabalhadores que por um motivo ou por outro são considerados “não válidos” para o Mercado de trabalho e ignorados pelo Estado que se isenta com suas obrigações sociais, acabando por, na maioria das vezes coibir esses sujeitos na realização do seu trabalho, não tendo outra saída acabam buscando alternativas de sobrevivência.³

¹ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

² A minha identificação com os temas referentes ao trabalhador rural são muito fortes, pois as minhas experiências foram construídas e respaldadas nesses valores, mas ao lado disso o que de fato eu sou é mais um migrante, campo-cidade, por isso acabei anexando os valores e modo de vida urbano. Ou seja, hoje eu transito entre esses dois modos de vida.

³ Por um lado, ausência do Estado: “Novo escândalo no Pronto Socorro, família afirma que negligência médica causou a morte de uma menina de dois anos”, Jornal “Diário de Araguari”, Ano VIII, nº 1777, 27 de julho 2001, p.01. “Cratera do Bairro Santa Helena continua a crescer, a falta de iniciativa por parte da administração do município deixa moradores revoltados.” Jornal “Diário de Araguari”, Ano VI, nº 1381, 11 de dezembro 1999, p. 01. Por outro lado, intensifica-se a opressão, os camelôs em 2001

Mas o que me fez decidir pelos catadores de materiais recicláveis foi devido a uma particularidade que difere esses sujeitos dos demais grupos de trabalhadores, é o fato de eles terem chegado a tal ponto de exclusão e miséria que acabaram no Lixão municipal “igual urubu na carniça”, ou “igual a bicho fuçando lixo” pelas vias públicas da cidade.⁴

Tendo definido o meu tema, os catadores de materiais recicláveis de Araguari, busquei estudar trabalhos referentes às condições de miséria e exclusão social dos trabalhadores, assim como sobre a vida dos catadores. O livro do sociólogo Lúcio Kowarick, *Escritos Urbanos*⁵, me possibilitou valiosas reflexões acerca dos problemas experimentados pelos trabalhadores urbanos, mesmo estando ele se referindo a realidade da cidade de São Paulo, as suas reflexões são percebidas mediante a realidade vivenciada pelos catadores de Araguari, isso percebido a partir das falas desses sujeitos, assim como as minhas observações durante as entrevistas.⁶

Quanto aos catadores especificamente, no âmbito nacional tive acesso ao documentário *A Ilha das Flores* de Jorge Furtado, onde retrata o dia-a-dia de homens, mulheres e crianças vivendo em meio a todo tipo de dejetos no Lixão, recolhendo material reciclável e disputando espaços com porcos,⁷ situação semelhante com a vivenciada pelos catadores em Araguari, que também viviam em meio a lixo expostos

foram “convidados” pelo poder público municipal a deixarem a movimentada rua Afonso Pena e irem para o camelódromo dentro do Mercado Municipal. “*A criação do camelódromo no Mercado Municipal poderá colaborar para sanar as polêmicas envolvendo o comércio informal em Araguari*”. Jornal “*Diário de Araguari*”. Ano VIII, nº. 1683, 09 de março 2001, p. 01

⁴ Essas expressões são relatadas pelos catadores quando eles se referem ao momento que começaram com esse ofício.

⁵ As problemáticas trazidas pelo sociólogo são referentes ao desmanche da condição de vida urbana, sendo esta resultada tanto pelo descaso do Estado para com suas obrigações sociais, assim como pela acumulação de renda nas mãos de uma minoria, o que resulta em uma violenta desigualdade social, levando a maioria da população a condições de mendicância. Ver em: KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

⁶ Além do depoimento desses sujeitos trazerem relatos que evidenciam as condições de miséria e exclusão retratadas por Kowarick, o que eu vi em suas casas durante as entrevistas são indício da veracidade desse fato. Dona Maria de Fátima Silva Santos, vive em condições de extrema precariedade, o seu marido adoeceu e por mais que faça perícia no INSS para se aposentar ele não consegue, segundo os peritos ele está apto ao trabalho, assim fica evidente o descaso do Estado para com os direitos de trabalhador. Dona Maria, por outro lado, disse que cansou de procurar emprego no SINE, mas toda vez a resposta era a mesma, que ela não tinha estudo e nem qualificação profissional suficiente, ou seja, não era “útil” para o Mercado de trabalho. Por isso eles começaram a catar reciclável, mas o que arrecada não cobre as despesas nem ao menos para alimentação, ela me relatou gás ela não compra a muito tempo, fez um fogão a lenha improvisado, pois a lenha não precisa comprar, ela mora na extrema periferia da cidade já nos limites da zona urbana, sendo fácil encontrar lenha.

⁷ As cenas e as falas trazidas pelo diretor buscaram mostrar as condições sub-humanas que aquelas pessoas viviam naquele lugar. O homem é um animal racional com o telencéfalo desenvolvido, é livre, não tem dono igual ao porco, mas se alimenta com aquilo que não é apropriado para o porco. Isso é na verdade chegar ao máximo da degradação humana.

aos perigos recorrentes desse contato, assim como se alimentavam do que encontravam no Lixão.⁸

E referente à produção local, eu tive acesso à dissertação de mestrado de Ana Magna Silva Couto,⁹ *Trabalho, Quotidiano e Sobrevivência: “Catadores de papel e seus Modos de Vida na Cidade – Uberlândia- 1970-1999”* que trabalhou como os catadores na cidade de Uberlândia, onde buscou compreender as vivências e experiências desses sujeitos, sua relação com a cidade, seus laços de solidariedade ou de disputas, assim como a exploração por parte dos empresários, evidenciando que: *“É preciso pensar que há uma relação entre o trabalho, as práticas quotidianas e a formação de novos valores na experiência dos trabalhadores”*

Assim, em dezembro de 2003, comecei a fazer os primeiros contatos como esses trabalhadores pelas ruas da cidade,¹⁰ percebi, a partir os diálogos informais, que além dessa presença marcante da condição sub-humana que eles viviam no Lixão, ou, em relação aos particulares a humilhação que sentiam em perambular pelas ruas da cidade “fuçando lixo,” onde ambos os grupos assemelhavam sua existência com a do próprio lixo, na verdade se referem a esse período de suas vidas como eles sendo o próprio lixo. Existia nesses mesmos relatos, o que chamou a minha atenção e se tornou o marco dessa pesquisa, o lado inverso, onde eles se afirmam, não apenas através da fala, mas dos gestos e expressões, que têm orgulho de serem catadores de recicláveis.

Nesse momento, compreendi que esses sujeitos percorreram dois caminhos contraditórios e opostos, o ápice da degradação de sua condição humana e a constituição de uma identidade de classe, creditando valor ao seu ofício. Alguma coisa aconteceu nesse percurso para justificar essa transformação e foi essa problemática que defini como meta, ou seja, buscar como ocorreu essa passagem a partir da análise do cotidiano desses sujeitos. Para isso, busquei respaldo na experiência de Thompson, partir da realidade cotidiana desses trabalhadores, seus hábitos, costumes e valores, toda somatória daquilo que constitui o modo de vida desses sujeitos, era preciso partir do ponto de vista dos mesmos.

⁸ Até mesmo uma granada foi encontrada pelos catadores, quando uma das catadoras tentava abri-la, um outro catador viu o que era e impediu a tragédia.

⁹ COUTO, Ana Magna Silva. *Trabalho cotidiano e sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia – 1970-1999*. 2000. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

¹⁰ Nessa época os catadores já não trabalhavam mais no Lixão, já havia sido criada a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Araguari. Os meandros de sua criação, pautado no interesse do poder público municipal, será discutido ao longo desse trabalho.

É nesse ponto que se apresentou imprescindível o uso da fonte oral, pois se eu procurava compreender a vivência cotidiana dos trabalhadores era logicamente preciso partir de suas falas. Isso possibilita um trabalho problematizador, pois coloca em confronto discursos produzidos em diferentes lugares sociais e com diferentes interesses, nesse caso foi possível perceber as relações estabelecidas entre o poder público e os catadores, que são permeadas por um emaranhado de interesses de ambas as partes, controle e resistência.

Contudo, o pesquisador precisa ficar atento para não acontecer o que Samuel Raphael¹¹ definiu como o perigo de cair nas circularidades metodológicas, de se pautar apenas pelo relato oral e com isso o trabalho se tornar algo incompleto, definindo a história oral a expressão da verdade. E também, é importante lembrar que a oralidade é produto da fala das pessoas, dotadas de seus sentimentos e expectativas, por isso o grau de subjetividade é muito presente, isso ressalta uma particularidade acerca da fonte oral, sendo ela resultado dos relatos dos sujeitos, logo apresenta o limite do dito e do não dito, ou seja, como observa Portelli,¹² o depoente seleciona o que fala, ou o que se quer lembrar, mediante os sentimentos, assim como a lembrança é algo fragmentário e desconexo, tendo o pesquisador que ser cuidadoso com a maneira que vai usar o depoimento.

Quanto à delimitação cronológica que compreende o período, entre 1999 – 2006, o objetivo era me localizar para refletir sobre a problemática do que é ser um catador de material reciclável e como esses sujeitos a partir de suas práticas cotidianas construíram esse elo de identificação. Sendo que foi a partir de meados da década de 1990, que se buscou regulamentar as questões ambientais acerca da disposição final de lixo e a conseqüente necessidade de se implantar um projeto de reciclagem dos dejetos não degradáveis. Com isso, os catadores, que outrora eram simplesmente “invisíveis” tanto aos olhos da sociedade quanto aos do Estado, ganham destaque nos debates das autoridades, assim como dos grupos proeminentes da sociedade civil, mídia e os centros acadêmicos.

¹¹ SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n°. 19, ANPUH/Marco Zero, Set/1989/Fev/1990, pág. 219-243.

¹² PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Vall di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum” In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (org) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Dessa forma, a realização desse trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro, busquei fazer uma apresentação da cidade de Araguari, com suas características marcadas pela força que o agronegócio tem tradicionalmente na região, principalmente o cultivo do café que foi o responsável pela intensa migração que Araguari vivenciou e após esse cultivo ser superado pela soja, houve um excedente de mão-de-obra, posteriormente relatei a criação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Araguari. E por fim busquei apresentar esses sujeitos, fazendo a distinção entre associados e particulares, sua trajetória de vida, porque (no caso dos migrantes) deixaram o seu lugar de origem, quais outros tipos de trabalhos exerceram no decorrer de suas vidas e por quais motivos foram trabalhar com o reciclável.

No segundo capítulo, discuto a relação entre os catadores e o poder público municipal, as redes de dominação exploração e resistências, assim como busquei traçar uma distinção dessa relação com os associados e com os particulares, a contraditória relação de solidariedade e disputas entre os dois grupos, assim como com a população araguarina, que se pauta entre a solidariedade e a humilhação. Questões referentes às dificuldades cotidianas desses sujeitos como a falta de moradia própria, precariedade da saúde pública e educação, que acabam sendo valores buscados por esses sujeitos, mas nem sempre alcançados, ficando na maioria das vezes nas expectativas. E por fim, busquei trazer a reelaboração dos valores desses trabalhadores, buscando firmar a importância do seu ofício para além de sua sobrevivência.

E, por fim, concluo com a relação que esses sujeitos fazem de sua trajetória desde que começaram a trabalhar com materiais recicláveis, como eles construíram essa passagem da condição de lixo para trabalhadores honrados, úteis a sociedade e orgulhosos do fato de SER um catador de material reciclável, constituindo enquanto uma classe.

Capítulo I

Catadores de Material Reciclável em Araguari: quem são esses sujeitos?

Araguari é uma cidade localizada na região do Triângulo Mineiro e conta com 104 mil habitantes. Tem por principal atividade econômica a agropecuária, firmada principalmente na criação de gado bovino, produção leiteira e no cultivo de vários produtos destacando-se a produção de grãos; laranja, tomate, o café (o mais conhecido produto da região) e a soja que nos últimos anos superou o café em termos de produção, área cultivada e em rendimento.¹³

Isso pode ser um dado interessante, pois o cultivo do café, principalmente em épocas de colheita requer uma considerável mão-de-obra. Já a soja é ao contrário, a colheita é praticamente mecanizada, não necessitando de um grande expediente humano, isso fez aumentar significativamente o excedente populacional nos centros urbanos.

Mesmo sendo o agronegócio o carro chefe da economia araguarina, isso não quer dizer que a população vivencie uma estabilidade no tocante a empregos, acontece exatamente o contrário, como o cultivo desses produtos não requer muita atenção no período compreendido entre o plantio e a colheita (no caso do café nem mesmo plantio é efetuado todos os anos, pois feito o plantio o mesmo pé fornecerá frutos por pelo menos uns 10 anos) o trabalho acaba por ser temporário. Assim, o produtor não dispõe de uma mão-de-obra permanente, ou ainda, aqueles que vão efetivar a colheita são contratados apenas nesse período, constituindo os chamados bóias-frias.

¹³ A criação bovina é de 116.063 espécies, e no caso da produção agrícola dois produtos se destacam no tocante a área plantada, produção e rendimento, a soja ocupa um espaço de 13.000 há, tem uma produção de 31.200 (t) obtendo um rendimento médio de 2.400. Já o café ocupa um espaço de 12.000 há, tem uma produção de 25.200 (t) e um rendimento médio de 2.100. DA SILVA, INTERCOMUNICACÃO, 2006, p. 20.

Dentre a população economicamente ativa do município os dados estatísticos trazem a luz uma questão que explicita o quanto é significativo na região a classificação de um tipo de ocupação, perfazendo aproximadamente a 14.147 pessoas, é a classificação de Outros Serviços, que engloba o serviço público, sendo este um forte potencial empregador na cidade perfazendo um total de 2.267 e as demais formas de trabalho exercidas pelos habitantes da cidade, essas podem ser observadas cotidianamente no espaço urbano. Fora os funcionários da Prefeitura Municipal, os demais que perfazem esses “outros”, os que se encontram alijados do mercado formal de trabalho, exercem formas alternativas de sobrevivência. Ao passo que o setor industrial comporta 13.32, o comercial 4.451, transporte e comunicação 2392 e o agropecuário com seu perfil temporário 7.280.¹⁴

Devido à urgência da sobrevivência, deles e de suas famílias, esses outros acabam por encontrar um meio de continuarem vivos dentro da sociedade, eles podem ser percebidos no cotidiano citadino, os camelôs, vendedores ambulantes, carroceiros, vendedores de jogo de azar e, atualmente, muitos catadores de materiais recicláveis.¹⁵

E mesmo estando estes excluídos dessa formalidade, eles comportam uma camada significativa da comunidade araguarina, pois, o exercício de seu trabalho está diretamente interligado nas relações sociais, políticas, culturais e econômicas da cidade.

É essa última categoria, os catadores de reciclável, que por hora nos interessa discutir, buscando compreender melhor sua vivência no espaço urbano da cidade de Araguari no período compreendido entre 1999 a 2006.

Antes de adentrarmos nesse assunto, se faz necessário compreendermos como surgiu o exercício desse ofício, o porque esses sujeitos optaram por esse trabalho, e ainda, quais foram as condições históricas que possibilitaram a notoriedade e o aumento significativo dessa atividade.

É evidente que em um país com uma significativa desigualdade social, onde menos de 1% da população detêm as riquezas do país, a miséria e a fome assumem proporções alarmantes, perfazendo-se 46 milhões de brasileiros que vivem com menos de US\$2,00 por dia, dos quais 22 milhões em situação de miséria absoluta de completa

¹⁴ Vale ressaltar que o parque industrial do município é firmado na agroindústria, tendo por principal expoente as indústrias frigoríficas e as fábricas de suco. Ver em: www.araguari.org.br/.

¹⁵ Os boias-frias, fora do período de plantio, devido à falta de emprego, acabam por exercer alguns desses trabalhos. Inclusive no ofício do reciclável como afirmou um dos meus entrevistados o Sr. José Camargo.

mendicância, que vivem com menos de US\$1,00 por dia”.¹⁶ Agravando ainda mais esse quadro, nas últimas duas décadas, aumentou significativamente o quadro de desemprego.

Segundo o sociólogo e professor da UFRJ, Ivo Lesbaupin¹⁷ em seu artigo, “Governo FHC 5 anos de desmonte da Nação”, onde ele discute a adoção de uma política neoliberal, (que isenta o Estado de suas obrigações referentes a saúde e a educação) e na dilapidação do patrimônio público. Foram fechados 897 mil postos de trabalho no período 1994 a 1998, isso devido ao modelo de estabilização da economia adotado para que o Plano Real se concretizasse, pois, esse modelo depende da entrada de capital estrangeiro no Brasil, o que faz crescer em grandes proporções a taxa de juro. Com isso, a cada crise no mercado mundial, aqui dobram os juros, tornando árdua a produção e a sobrevivência da indústria interna. O resultado foi, além da “invasão” no mercado interno de produtos importados, a falências e desempregos.¹⁸

Essa realidade comporta algumas continuidades ao longo de sua história. Visto que a passagem do trabalho escravo ao assalariado foi marcada pelo conservadorismo imposto pela elite aristocrática nacional, que não desejavam mudar a estrutura econômica e fundiária que lhes era favorável, mas, em benefício do “progresso da nação”, era preciso acabar com a mancha da escravidão que impossibilitava a modernização do país. Constituindo assim uma população “livre”, mas inserida em uma estrutura escravocrata que beneficiava a classe dominante e conseqüentemente levava essa população à condição de pauperização dependendo de uma minoria detentora das riquezas.¹⁹

Dessa forma, firmava-se nosso histórico quadro de desigualdade social, ao passo que uma minoria “herdara” as riquezas do país e a maioria da população, seja de branco, negro, escravo, livre ou migrante foi imposto todo um grau de expropriação e exploração, sendo essa condição justificada e garantida, ao longo da nossa história, mediante a duas armas utilizadas pela elite: a ideológica e a repressora,²⁰ as quais

¹⁶ Esses dados são retirados de um artigo do padre Tarcisio Rech, assessor do Mutirão Nacional para a Superação da Miséria e da Fome. *Revista Mundo Jovem*: um jornal de idéias. Ano XLII nº 352. Novembro 2004.

¹⁷ *Revista Mundo jovem*: um jornal de idéias. Ano XXXVIII nº. 303, Fevereiro 2000.

¹⁸ SADER, Eder; GENTILI, Pablo. *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

¹⁹ MARSOM, Izabel Andrade. Trabalho livre e progresso. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh/Marco. Zero. 1984, nº 7

²⁰ Idem.

continuam permeando a nossa realidade. Com isso, os trabalhadores vão, no decorrer de suas vidas, buscando formas alternativas de sobrevivência, de resistir a essa situação. Isso não apenas no tocante à vida material, mas também na resistência em preservar seu modo de vida e seus costumes.

A partir de meados da década de 1980, e principalmente no princípio da década de 1990, uma dessas formas de trabalho alternativa veio se destacando, (não apenas no âmbito municipal, mas sim em todo o país, sendo uma realidade nacional) essa atividade é referente à venda de material reciclável, essa forma de trabalho tem sido a mais procurada e exercida ultimamente.

Visto que, somos hoje a “sociedade do descartável”, a produção dessa matéria não degradável aumentara significativamente. Tendo o mercado industrial percebido o potencial econômico que esse material poderia render, começou uma intensa procura em busca do mesmo. No ano de 1992, foi fundada a CEMPRE, esta congrega empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional (CNS), a ALCOA, e até mesmo empresas concorrentes como é o caso da Coca-Cola e a AMBEV, tendo esta por objetivo facilitar o acesso a esse material reciclável.²¹

Somado a isso, a atuação dos órgãos ambientais e de uma significativa parcela da sociedade, percebendo a urgência em resolver o grave problema ambiental que é a disposição final de resíduo sólido nos aterros, degradando o solo. Pois, nas últimas décadas houve um aumento de quantidade e variedade desses materiais estranhos ao ambiente natural, assim como a produção em massa desses materiais, constitui muito desperdício dos recursos naturais. Por esses fatores as autoridades governamentais buscaram incentivar o processo da reciclagem.

Por esses fatores as autoridades governamentais buscaram incentivar o processo da reciclagem, mas efetivar esse projeto seria muito oneroso para os cofres públicos, mas aí surgem aqueles, os sobrantes da sociedade, que foram julgados inúteis para as exigências daquele que ditam as regras na sociedade, o Mercado de trabalho²².

²¹

²² *Revista de Economia e Estatística*, 1998, 36(1), 1-10.

²² É interessante refletir sobre esse assunto, pois estes que foram considerados descartáveis pelo modelo econômico e ignorados pelo Estado, agora trabalhando com os restos dessa mesma sociedade, é reintegrado pelo menos na condição de exploração tanto por parte do poder público quanto por parte dos empresários.

Esses sujeitos, devido a miséria imposta aos trabalhadores, pela falta de emprego, ou a não qualificação dos mesmos, assim a ausência do Estado em cumprir suas obrigações com moradia, saúde e educação, homens e mulheres, visto a procura do mercado por material reciclável, acabam por encontrar nos Lixões ou nas vias públicas das cidades o meio de sua sobrevivência, mesmo que essa seja a um preço alto demais, a deterioração da condição humana.

Dessa forma se evidencia o significativo crescimento dessa atividade, ela é fruto da miséria vivenciada pela maioria da população brasileira, que não vislumbrando outra saída encontraram nos lixões das cidades, não apenas um meio de ganhar dinheiro com a venda do reciclável, mas também uma forma de se alimentar dos restos da sociedade.²³ Essa realidade não é diferente em Araguari, homens, mulheres e crianças passavam os dias no Lixão municipal, buscando meios de sobrevivência.

Nesse capítulo, busco compreender o que os levaram a se constituírem enquanto catadores de material reciclável, analisar sua trajetória de vida, que certamente elucidará o motivo da inserção dos mesmos nesse ofício. Contudo, para isso, primeiro se faz necessário elucidar acerca da fundação da Associação dos Catadores de Reciclável de Araguari, pois foi a partir desse momento que esses sujeitos saíram do anonimato e ganharam visibilidade.²⁴

Os Catadores de material reciclável de Araguari constituem uma categoria de trabalhadores muito recente, quando eu falo recente não estou afirmando que de repente em 2001 eles surgiram no cenário citadino, certamente eles não emergiram do nada, sempre estiveram presentes buscando formas de resistir e existir na cidade, exercendo os serviços que apareciam.

Mas, havia um silêncio da sociedade no tocante à sua existência, a cidade reagia como se esses sujeitos, que passavam seus dias no Lixão para garantir seu sustento, ou com suas carroças pelas ruas da cidade à procura desses materiais, não existissem. A

²³ O documentário *Ilha das Flores*, Ano 1989, duração 13 min, Direção de Jorge Furtado trás a veracidade desse fato, mulheres e crianças encontrando nos restos, não aceitos pela sociedade e tampouco pelos porcos, o alimento do seu dia.

²⁴ Comecei a pesquisar os jornais desde o ano de 1997, pois eu queria saber o que falavam sobre essa questão, mas nada foi mencionado pelo mídia até o ano de 2001.

Imprensa nada trazia sobre esses sujeitos, o poder público tão pouco e a comunidade parecia ignorar a situação, como se fosse “natural”.²⁵

A partir de 2001 esse quadro mudou, em Fevereiro deste ano a Prefeitura Municipal, respaldada na Secretaria do Meio Ambiente começou na cidade o programa de Gestão dos resíduos sólidos. O município tinha uma dívida com o Ministério Público de R\$ 270.000.00, devido ao não cumprimento, da administração anterior, de um termo de ajuste de condutas determinadas pela COPAM para buscar a adequação correta da disposição final de lixo.²⁶ A disposição final do lixo em Araguari, nessa época era o Lixão municipal localizado na Fazenda dos Verdes, a quatro quilômetros da cidade. Ao fazerem a primeira visita ao local, os agentes ambientais se depararam com uma cena assustadora: homens, mulheres e crianças estavam misturados ao lixo e a urubus, fazendo a separação do material reciclável.²⁷

Essas pessoas passavam o dia no Lixão, eram um total de 28 adultos e 10 crianças. Devido à precariedade social assolada pela falta de emprego, (ou os sujeitos não são “qualificados” para o mesmo) e a busca do mercado por esse tipo de material, eles acabaram por encontrar no Lixão a saída para a sobrevivência de sua família.²⁸ Estando já no prazo limite para a erradicação do Lixão e tendo se deparado com esse entrave, o poder público se viu na urgência de antes de qualquer coisa buscar uma resolução para a situação daquelas pessoas. Não podia simplesmente expulsá-los de lá.

Na verdade, a existência dos catadores era importante para o poder público, pois, era obrigação do município colocar em prática o programa de coleta seletiva, por isso a presença dos catadores foi perfeita, a Prefeitura não teria muitos gastos, eles não sendo

²⁵ Não posso achar “natural” pessoas vivendo em condições de degradação humana, como uma cena que eu presenciei em dezembro de 2005, na rua Afonso Pena, no centro da cidade. A mãe com uma criança de colo e mais duas de uns 9 e 10 anos, que estavam com uma bicicleta e com uma carretinha. A aparência tanto da mãe quanto das crianças é de desnutrição e penúria, pois suas roupas estavam muito gastas. Isso é claro que me chamou a atenção, mas o que realmente me deixou chocada foi a reação da menina mais velha, toda vez que ela encontrava um papelão (nessa época do ano esse material é abundante) ela sorria e olhava para sua mãe, como se aquele objeto fosse um prato de comida. E na verdade é isso que o papelão significa para ela, a garantia de que não irá dormir de estômago vazio. Como podemos achar isso natural?

²⁶ Arquivos da Secretaria do Meio Ambiente/PM Araguari-MG.

²⁷ Na verdade essa cena assustadora acontece todos os dias em um país com tamanha desigualdade e mesmo violência social. O que acontece é que nós não “enxergamos” pois estamos muito ocupados com as nossas vidas. E “não enxergar” cria a ilusão de que aquilo não existe, mas existe sim e está explícito em nosso cotidiano, basta querermos enfrentar essa realidade.

²⁸ É interessante a observação de como o sistema capitalista é predatório, esses sujeitos que não são considerados aptos para o mercado de trabalho, sendo deixados à margem da sociedade, acabam encontrando o seu meio de sobrevivência no mais novo objeto de desejo do Mercado, o material reciclável. Assim, podemos dizer que os tentáculos desse capitalismo predatório conseguem tirar proveito até mesmo daqueles que ele julgou inapto.

funcionários públicos, o município não arcaria com encargos sociais, ao passo que eles realizariam a coleta seletiva, afinal era o seu meio de sobrevivência.²⁹ E eles fazendo o trabalho de porta-a-porta, viabiliza ainda mais para a administração municipal, com apenas um caminhão de coleta seletiva, o município consegue realizar a coleta nos grandes geradores, que são as indústrias, comércio e escolas.³⁰

Assim, foi incorporado pela Secretaria do Meio Ambiente, com parceria da Secretaria de Trabalho e Assistência Social, o Programa *Lixo e Cidadania*, que tem por objetivo, realizar a ressocialização daqueles sujeitos e implementar a coleta seletiva. O resultado foi à fundação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Araguari –ASCAMARA. Isso evidencia o fato de que a constituição da Associação dos Catadores foi feita de cima para baixo,³¹ não foi idealizada e realizada pelos catadores, respondendo a seus anseios e necessidades, mas sim de acordo com os parâmetros e estrutura financeira do poder público, isso lhes impõe uma certa dependência em relação aos órgãos municipais.

A ASCAMARA foi criada em outubro de 2001, mesmo não tendo ainda um espaço físico (galpão) a Associação foi criada em 16/10/01, após vários encontros dos membros representantes do poder municipal com os catadores. Ainda trabalhando no Lixão, nessa reunião eles fizeram o Estatuto Social e o Regimento interno, assim como formaram a coordenação da associação com os próprios associados,³² posteriormente, foi construído o galpão de triagem no bairro Independência, este não pertence à Associação, mas sim à Prefeitura.

Contudo, nem todos os catadores do Lixão aceitaram ir para a Associação, oito deles resistiram e permaneceram no Lixão, a saída encontrada pelo poder público foi a repressão armada e a polícia passou a expulsar sistematicamente todos que lá apareciam, visto que com esses resistentes a arma ideológica não funcionou.

²⁹ GOMIDES, Clécio Eustáquio; GONÇALVES, Scheila Samartini. *Cartilha de Orientações para atendimento do artigo da deliberação normativa 52/2001 do Conselho Estadual de Política Ambiental*. FEAM, Fundação Estadual do Meio Ambiente, ABRIL 2005.

³⁰ É interessante que, ao contrário do que ocorrera em relação aos catadores que trabalhavam no Lixão em fevereiro de 2001, os sem-teto que, em Abril de 2001, “invadiram” terrenos de um latifundiário em abril do mesmo ano foram expulsos e proibidos pelo poder público de se instalarem em qualquer área pública. Isso vem a denotar que os catadores seriam de utilidade (não valor humano) para o poder público, ao passo que os sem-teto são apenas um entrave, algo a ser expurgado. “Sem-tetos” invadem terrenos de Raul Belém” Jornal “Diário de Araguari”. Ano VIII, nº 1716, 30 de abril 2001, p. 01.

³¹ “Meio Ambiente planeja formar associação dos catadores de lixo”, Jornal “Diário de Araguari”. Ano VIII, nº. 1682, 08 de Abril 2001, p. 01.

³² Tudo foi registrado em Ata, a qual eu tive acesso na sede da associação. A lei nº 3 960 que regulamentara legalmente a existência da ASCAMARA só foi efetiva em 29/01/04.

Não tendo esses sujeitos outra maneira de sobreviver, pois não conseguiam outro trabalho e eram sempre expulsos do Lixão, eles “aceitaram” se associar, não se incorporaram à ASCAMARA, fundaram a ASCAMARVA.³³ Possivelmente, eles não quiseram juntar-se aos catadores da ASCAMARA, por causa dos embates entre eles, quando os resistentes não quiseram ir para a ASCAMARA e permaneceram no Lixão, os catadores associados se viram no prejuízo. pois, deixaram o Lixão, onde havia abundância de material, ao passo que na cidade eles tinham que implorar para os moradores separarem o material. Por isso, os associados procuraram o Prefeito para buscar junto ao mesmo a proibição de catar no Lixão qualquer um que não fosse associado.³⁴

Dessa forma, os catadores de reciclável de Araguari, a partir desse momento, além de se tornarem “visíveis”, se encontram disseminados pela cidade. Agora, somado aos particulares, que já percorriam a cidade, mas sem nenhuma notoriedade do poder público ou da Imprensa, tem a presença amplamente divulgada dos associados a ASCAMARA que outrora trabalhavam no Lixão, assim como os da Ascamarva.³⁵

Os da ASCAMARA realizam seu trabalho nos bairros; Independência, Goiás, Santa Terezinha, Jôquei Clube e Miranda, e ainda contam com o material que o caminhão da Prefeitura recolhe na zona rural e nos grandes geradores que são as indústrias e o comércio em geral,³⁶ isso se o caminhão chega antes dos particulares,

³³ Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis dos Verdes. É interessante o silêncio do poder público, assim como da Imprensa, acerca da existência dessa associação. Eu só descobri a mesma mediante a fala dos depoentes, onde percebemos todo um grau de resistência, seja no tocante a saírem do Lixão, ou quanto ao fato de buscarem preservar seu modo de vida, dos catadores da associação dos Verdes.

³⁴ “Coordenadora da ASCAMARA irá se reunir com o Prefeito para que o mesmo não permita que quem não for associado cate material no Lixão”. Ata da ASCAMARA, 09/01/02.

³⁵ Nesse trabalho não discutirei sobre os catadores da Ascamarva, pois só descobri a existência da mesma no decorrer das entrevistas com os associados da ASCAMARA, por isso não tive tempo suficiente de pesquisar sobre a Ascamarva e seus associados, o pouco que sei é mediante a fala da Marilda ou da funcionária da Secretaria de Ação Social, em uma conversa informal no dia 27/11/06, Maria Aparecida Viveiros. Segundo o seu relato os catadores da Ascamarva são o seu grande problema em relação ao projeto das associações de catadores, pois eles não se interessam por produção, se ganham o suficiente para comer eles já estão satisfeitos, o que eles gostam mesmo, segundo a diretora é de beber e de congelada. O que podemos compreender mediante essa fala é que, na verdade esses sujeitos, não apenas resistiram a sua retirada do Lixão, mas resistem também agora que estão associados, e pelo relato acima a sua maior resistência é na busca de preservar o seu modo de vida, eles não se importam com produção, tendo o suficiente para se sustentar lhes basta, e tampouco trocam os seus momentos de lazer por trabalho.

³⁶ A Prefeitura disponibiliza um caminhão para coleta seletiva e dois funcionários, motorista e seu ajudante. Arquivo da Secretaria do Meio Ambiente/PM Araguari-MG.

pois a disputa pelo material é intensa. Já os autônomos têm uma abrangência maior, estão por todas as partes da cidade, eles estão presentes e atuantes no cenário cotidiano da cidade de Araguari.

A partir do momento da criação da ASCAMARA esses sujeitos foram “vistos” pela comunidade araguarina, posto que o poder público, assim como a Imprensa que até então nem ao menos se pronunciava acerca da existência desses sujeitos, intensificara toda uma campanha para com a população no tocante à separação do material, entre reciclável ou não, visto que várias famílias sobreviviam da comercialização desse material, nas escolas com palestras, movimentos culturais como peças teatrais e uma variedade de panfletos incentivando a população a fazer a separação do material.³⁷ Ao lado disso, para dar suporte legal ao projeto de coleta seletiva na cidade, foi criada a lei municipal 3774 de 30/08/02 ratificando a urgência da coleta seletiva, firmando o convênio entre a Prefeitura e a ASCAMARA.³⁸

Devido à instabilidade de emprego e a insuficiente renda familiar e sendo a venda desse material tão desejado no Mercado industrial, várias pessoas começaram a exercer esse ofício, uns se juntaram com aqueles que trabalhavam no Lixão, e agora estão na associação, outros preferiram ficar por conta própria aumentando também o número de catadores particulares, e ainda existem aqueles que eram da Associação e a deixaram. Essa é uma diferença singular e elucidativa em relação aos catadores de Araguari, uns particulares, outros associados.

Os catadores de material reciclável de Araguari constituem uma categoria muito heterogênea, sendo compostos por homens, mulheres e crianças, apesar de a erradicação do trabalho infantil ter sido a primeira meta do programa de erradicação do Lixão municipal de Araguari, essa ainda constitui um objetivo distante da realidade do nosso cotidiano.³⁹

Esses sujeitos são pessoas com diferentes trajetórias e experiências de vida, variando-se os motivos que os levaram a trabalhar nesse ofício, o certo, é que essa

³⁷ “Dona Maria e Sr. João sou catador sou cidadão” Panfleto distribuído na cidade de Araguari em 2001. criação das Secretarias do Meio Ambiente e de Ação Social.

³⁸ Arquivo da Secretaria do Meio Ambiente/PM Araguari-MG.

³⁹ Claro que naquele momento as crianças foram imediatamente retiradas do lixão, e na ASCAMARA não é aceito o trabalho infantil. Contudo, “o ideal é irreal”, posto que a miséria é tamanha que as crianças precisam ajudar no sustento da família. Isso é uma questão de sobrevivência, sendo altamente recorrente em Araguari como em todo o país. “Ação dos flanelinhas” voltará a ser coibida. Delegacia e Conselho tutelar querem apoio da sociedade para acabar com essa prática entre as crianças”. Jornal “Diário de Araguari”. Ano VIII, n.º 1703. 06 de abril de 2001

modalidade de trabalho teve origem na miséria socioeconômica que é vivenciada no Brasil e esta aumenta significativamente a cada ano. Pois, caso contrário, se os trabalhadores tivessem acesso a condições dignas de trabalho e moradia, certamente não iriam para Lixões e tão pouco mexeriam em lixo pela cidade. Isso, eles próprios afirmam em suas falas carregadas de emoção.⁴⁰

Assim, podemos dizer que, somado ao alargamento do quadro de desigualdade social que se intensificara ainda mais no país, principalmente a partir da década de 1990, com a adoção de uma política neoliberal, que elevou tanto a taxa de desemprego quanto fez aumentar a miserabilidade social.⁴¹ Há outros dois fatores determinantes vivenciados na região do Triângulo Mineiro nas últimas décadas, que condicionaram um extremo excedente populacional no espaço urbano do município de Araguari. O primeiro, é no que se refere à grande massa migratória que viera para a região do cerrado mineiro, segundo a pesquisa de Maria Andréia Angelotti do Carmo, que em seu trabalho faz uma reflexão sobre a grande massa migratória que veio para Araguari e se constituiu nos apanhadores de café, o Estado, na década de 1970 através do projeto PADAP–(Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba), visava realizar uma reocupação econômica dessa região, firmada na produção de soja e de café. Produtos esses, tipo exportação, transformando essa região em fronteira agrícola.⁴²

Posto esse grande fluxo migratório para a região do Triângulo Mineiro, paulatinamente aconteceu a mecanização da agricultura e a partir de meados da década de 1990, o café foi sendo superado pela soja, com isso, acabou por diminuir em grande escala a mão-de-obra no campo, assim como impossibilitava a produção familiar. Fazendo com que esses sujeitos, trabalhadores rurais e mesmo os pequenos produtores sem condições de implementar a mecanização, deixassem o campo, que agora condicionava aos mesmos as dificuldades de sobrevivência.⁴³

Dessa forma, podemos dizer que essa tríade: desemprego, migração e êxodo rural são em grande parte responsável pela miserabilidade urbana, pois condicionou um excedente populacional e como já foi mencionado, o suporte empregatício do município é muito restrito, sem moradia e sem emprego, restou a esses sujeitos buscarem formas

⁴⁰ Essa questão será discutida no segundo capítulo.

⁴¹ SADER, Éder; GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

⁴² ANGELOTTI, Maria Andréia do Carmo, *Lavradores de sonhos: saberes e (des) caminhos de trabalhadores volantes*. São Paulo: Ed. PUC, 2006.

⁴³ NETO, Miranda. *Os lucros da fome: o mito da escassez de alimentos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

alternativas de sobrevivência. É nesses termos que se evidencia o grande fluxo de trabalhadores no espaço citadino em busca de realizar algum tipo de trabalho que lhes garanta o seu sustento, é com esse significativo excedente populacional de desempregados, que se mostra a frenética busca por materiais recicláveis.

Com isso, eles passaram a ocupar os espaços da cidade, a presença deles é constante, alguns de carroça com tração animal, mas a maioria arrasta uma carrocinha, (esse é o caso dos associados) ou acopla a mesma a uma bicicleta, assim é menos penoso o trabalho, visto que seu ofício requer muito desgaste físico, os catadores andam o tempo todo em baixo de um sol escaldante.

No caso específico de Araguari, a maioria desses trabalhadores é formada por migrantes, provenientes do meio rural ou de outras cidades e até mesmo de outros Estados.⁴⁴ São sujeitos que viram o seu modo de vida em seu lugar de origem ser destruído pela modernização agrícola, no caso dos migrantes do campo. Ou pelo desemprego, no caso dos que migraram de outras cidades em busca de uma melhor perspectiva de vida. Essa constante migração em busca de melhores condições de vida está presente ao longo da fala desses sujeitos. Em nossos diálogos, ficou evidente o quanto é forte esse fator migratório, seja esse na direção campo-cidade ou cidade-cidade.

Dentre os trabalhadores que entrevistei, ou tive conversas informais, apenas duas não são migrantes, é o caso de Vera Lúcia⁴⁵ e de Vanessa Manuelli de 24 anos, ambas são casadas, naturais da cidade de Araguari e aqui sempre moraram. A primeira tem dois filhos e a segunda, quatro filhos, elas entraram na Associação depois de sua fundação. Os demais que eu entrevistei são todos migrantes, Roberto Pereira dos Santos 58 anos solteiro, (particular) é de Uberlândia; Marilda de Fátima Balbino⁴⁶ casada, (associada) e Maria de Fátima Silva 55 anos (associada) são da zona rural da cidade de Douradoquara. Os três eram catadores do Lixão, entretanto, em 2005, Roberto deixou a associação. Maria de Fátima Silva Santos, 49 anos, casada (particular) é da zona rural

⁴⁴ Não é o caso dos catadores que eu entrevistei, mas muitos dos migrantes que vieram para Araguari são do Estado do Paraná, segundo relato dos catadores haviam muitos paranaenses no Lixão, quando fundou a Associação, eles se dispersaram, a maioria foi para o distrito do Amanhece, pois esse ainda é o reduto do café em Araguari. Contudo, nem todos conseguiram trabalhar com o café e continua com o reciclável.

⁴⁵ Vera Lúcia não quis falar a idade, é casada e mãe de dois filhos, mora no bairro Independência. Entrevista gravada na sede da Associação em 28/11/06.

⁴⁶ Assim como sua colega de trabalho, Marilda não quis dizer sua idade, é casada, mãe de um filho, havia trabalhado no Lixão, mora no bairro Independência. Entrevista gravada na sede da Associação em 28/11/06.

de Ituitaba. Os demais, Pedro Pereira Alvim, 59 anos, viúvo (particular); José Camargo 75 anos divorciado, (particular) e Osvaldo Ribeiro, 60 anos, viúvo (particular), são todos originários da zona rural do município de Araguari.

Dessa forma, fica explícita nessa região toda uma peregrinação dos trabalhadores em busca de melhores condições de sobrevivência, em constantes idas e vindas. Esse é o caso do Sr. José Camargo,⁴⁷ sua história de vida é marcada por um constante vai e vem do campo para a cidade e novamente de volta ao campo e posteriormente para o Estado de Goiás onde morou por 16 anos e, por fim, voltando para a cidade onde ele reside até hoje, estudou só até a 5ª série, pois mediante essas constantes mudanças, somado à necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família desde a infância, ele teve que abandonar os estudos. Sua fala elucida a constante mobilidade de sua família, no momento em que eu perguntei quando seu pai resolveu deixar o campo:

Meu pai né teve idêia de vim para cá. (Araguari) Minha vida é muito cheia de história. Nós moramos na cidade um tanto, depois voltamos e fomos pra roça, depois tornamos a voltar. Ai foi onde eu fiquei 16 anos em Goiás. Nós viemos pra cá em 1955, daí eu resolvi: meu pai eu vou por Estado de Goiás, tem um tio meu pra lá. Nós ficamos, depois ele (pai) ele mudou também pra lá. Ai eles vieram embora e eu fiquei mais uns tempos. Isso é devido à falta de colocação.

Esse intenso deslocamento explicita uma instabilidade no tocante a empregos e a moradia imposta a esses sujeitos, essa condição acaba por gerar todo um grau de insatisfação e inconformismo quanto à realidade vivida por eles, cotidianamente. Através do relato do Sr. Camargo, podemos refletir acerca dessas duas questões, quando ele fala em falta de colocação podemos compreender que ele está se referindo a carência de empregos nas fazendas, e somado a isso, sua família não tendo terra, ou seja, despossuída de moradia, tem que viver no que pertence a outros.

Dessa forma, podemos dizer que a questão da falta de moradia acaba por determinar a peregrinação desses sujeitos mais do que a falta de emprego. Pois, se esses sujeitos possuísem sua moradia, um teto seguro onde pudessem se proteger não depender de “colocação” nas fazendas de outros, a estabilidade seria mais viável.

⁴⁷ O Sr. José Camargo tem 75 anos, é divorciado, reside em sua casa no bairro Independência, é aposentado e trabalha por conta própria. Entrevista realizada em 15/11/06, em sua residência.

Afinal, assim não teriam gastos com habitação, e poderia buscar efetivar suas resistências para superar as épocas de desemprego, e com isso permanecer em seu lugar de origem. Sob esse ponto de vista podemos dizer que a falta de habitação é um fator altamente determinante na manutenção da condição errante e instável da maioria da população brasileira, seja essa do campo ou da cidade. Isso nos remete a questões levantadas pelo sociólogo Lúcio Kowarick,⁴⁸ em seus estudos sobre os condicionantes da miséria urbana, podemos observar que, apesar de estar se referindo ao perímetro urbano essa questões de penúria e miséria, devido a falta de moradia é similar no âmbito rural.

Afinal, se no espaço urbano, os sujeitos são despossuídos de moradia e desempregados, só lhes resta mesmo viver se deslocando de um lugar para outro e encontrando abrigo nas zonas periféricas (em alguns casos até mesmo fora do perímetro urbano) despossuídas de infra-estrutura, ou ainda, como é recorrente nos grandes centros urbanos, as famílias vão se abrigar em favelas e nas encostas dos morros fazendo aumentar as estatísticas das tragédias decorrentes do período chuvoso.⁴⁹ No campo não é diferente se não tem um “pedaço de terra,”⁵⁰ está perpetuamente migrando em busca de colocação.

Essa constante mobilidade pode ser percebida nas narrativas de outros entrevistados, contudo, os casos de Roberto e de Marilda constituem-se numa singularidade, eles vieram de cidades vizinhas, diferente do Sr Camargo, que migrara da zona rural pertencente ao município de Araguari. O relato de Marilda⁵¹, assim como o do Sr Camargo, denota também toda uma instabilidade vivenciada pelos trabalhadores rurais, ela é natural de Douradoquara, morava na roça com os pais, seu pai era peão de fazenda e sua mãe além de cuidar dos filhos e da casa ajudava seu marido na lida da fazenda, só estudou até a 4ª série, pois precisava trabalhar para ajudar no sustento familiar, ela e suas irmãs trabalhavam na roça com os pais.

⁴⁸ KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

⁴⁹ “Chuva mata mais um no Rio”. “Exército envia 250 homens para ajudar vítimas e executar obras em Nova Iguaçu.” *Jornal “Folha de São Paulo”*. 02 de dezembro de 2006.

⁵⁰ Essa expressão é muito utilizada pelos entrevistados que vieram do campo quando eles se referem a moradia no perímetro rural, denota como um pedaço de terra é almejada pelo homem do campo, pois se ele tivesse o “seu cantinho” não viveria migrando de um lado para o outro em busca de colocação. Esse problema foi sem dúvida um dos grandes responsáveis pelo surgimento na década de 1980 do MST o Movimento dos Sem Terra.

⁵¹ Marilda de Fátima Balbino, casada reside no bairro Independência com o marido e seu filho em casa alugada. Ela é associada e uma das fundadoras da ASCAMARA, era uma das catadoras do Lixão, onde ela trabalhou por 6 anos. Entrevista gravada em 28/11/06.

Em busca de melhorar sua condição de sobrevivência, a família começou a se deslocar, primeiro se mudaram para Uberlândia por volta do ano de 1974, ficando 5 anos, posteriormente, se mudaram para Araguari, mediante a esperança de conseguir trabalho no café, pois nesse período já era um pólo de atração para os trabalhadores, não só os da região, mas também de outros Estados do país. E aqui ela permaneceu, fazendo aquilo que aparecia, na época da colheita ia para a panha do café, no período de entressafra fazia os “bicos” que apareciam:

Nasci em Douradoquara. Trabalhei muito no café, quando mudei para a cidade, já lavei, passei. Tudo que você pensar eu já fiz um pouco. Aí mudamos para Uberlândia (quando saiu de Douradoquara) por volta de 1974 ou 1975, ficamos lá por volta de 5 anos, e mexia com granja. Nós viemos para cá porque aqui era melhor de serviço, muito café pra plantar e pra colher. E aí fomos pro Lixão.

Mediante a análise do relato de Marilda podemos perceber que ela acaba por misturar as temporalidades, começa falando que nasceu em Douradoquara, dá um salto temporal e já afirma que trabalhara no café, isso em Araguari. Mencionando a passagem por Uberlândia (que foi anterior a Araguari) só depois e rapidamente e, por fim, volta a falar acerca das vantagens de trabalhar no café, dá outro salto temporal e insere a sua ida para o Lixão.

A partir dessa análise, podemos perceber que ela credita uma importância maior a dois momentos de sua vida, o período que trabalhou no café, visto que esse, talvez, foi como ela afirmou, o de maior ganho financeiro e com isso uma certa tranquilidade e estabilidade, e a sua ida para o Lixão, esse período compreende o seu aprendizado enquanto catadora de reciclável, a profissão que hoje ela exerce, com muito orgulho, e constitui o sustento de sua família. Isso nos remete a Portelli,⁵² acerca do trabalho com fonte oral, ele afirma que os sujeitos em suas narrativas, lembram, ou creditam mais valor ao falar, aos fatos que consideram mais importantes, ou até mesmo determinante de suas vidas.

Posto isso, podemos dizer que a mudança pode ter sido mediante a busca de uma vida melhor, mais do que a falta de empregos, ou como disse o Sr Camargo, “falta de

⁵² PORTELLI, O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

colocação” no lugar de origem, o que esses sujeitos vislumbravam era arrumar um bom emprego na cidade e com isso pudessem ter uma condição de vida mais digna.

A escolha que a família de Marilda fez não foi aleatória, pois nesse período Uberlândia vivia um enorme potencial de crescimento, que foi anteriormente mencionado, de acordo com Ana Magna Silva Couto, quando trata do fluxo migratório vivenciado pela cidade de Uberlândia, devido à esperança dos migrantes em conseguir um emprego e com isso ter uma vida mais estável. Houve um acréscimo de 528 indústrias na cidade em apenas uma década, de 271 indústrias em 1970, para um total de 799 indústrias no final de 1980. E, conseqüentemente, elevando o número de operários que era de 2.426 em 1970 para um total de 20.467 trabalhadoras, ou seja, um crescimento na ordem de 722% nesta mesma década, resultando, assim, em um inchamento populacional.⁵³

Esses dados explicitam o quanto era atrativo, para os trabalhadores, a ida para Uberlândia nesse período, mas mediante a frustração de não terem realizado seus anseios, a única coisa que conseguiram foi, como definira a depoente, “trabalhar em granja”, resolveram deixar esse lugar, o qual haviam idealizado como a solução para os seus problemas, e continuaram sua busca.

Essa questão é interessante, pois ao deixarem o seu lugar de origem, onde vivenciavam uma realidade árdua de desemprego ou subemprego com muito desgastante físico, vislumbravam melhorias, amparados em sonhos e expectativas, “promessas” de uma vida digna com um bom emprego e, com isso, acesso aos serviços básicos de moradia, saúde e educação. Ou seja, buscavam melhorar sua condição de vida, contudo, ocorreu ao contrário, ao chegar em seu destino perceberam que a realidade era bem diferente. Afinal, eles não deixaram apenas o campo enquanto espaço físico, mas também no que concerne ao modo de vida, como as relações cotidianas que lá foram constituídas.

A vida na cidade tem certas particularidades que não têm sua correspondência no campo, despesas como aluguel, água, luz e gás são acrescentados ao cotidiano familiar. Somada a isso, a alimentação também constitui um agravante, pois se na zona rural as famílias contavam, para o sustento diário, com o que tinha em seus quintais, hortaliças, ovos, carne e leite. Na cidade, isso se torna um problema em seu cotidiano,

⁵³ SARAMAGO, 1996 apud COUTO, 2000, p. 22.

tendo esses sujeitos que reorganizarem seu modo de vida, constituindo toda uma mudança de ritmo para garantir a sobrevivência de sua família, tornando dessa forma mais precária a sua situação financeira. Assim, mesmo quando se consegue um emprego, isso não é necessariamente garantia de tranquilidade econômica, ao contrário, pois, apesar de estarem empregados, a vida no espaço urbano é muito mais dispendiosa, a despesa acabam por superar o ganho.

Outra questão é talvez a mais traumática, que causara estranheza no tocante à transformação no modo de vida desses sujeitos, é no tocante ao tempo, que, no campo, é marcado pelas tarefas que precisam ser realizadas no dia-a-dia, ou seja, é o tempo das necessidades⁵⁴ e não mediante o tempo do relógio, como é ditado nas cidades. Isso certamente leva esses sujeitos à certa autonomia, pois apesar de o trabalho no campo ser um serviço de grande desgaste físico, os trabalhadores não estão sujeitos aos horários iguais aos do espaço urbano.

Esse impacto no tocante a reelaboração do modo de vida desses sujeitos soma-se a frustração da não concretização de seus objetivos, na busca da conquista da estabilidade econômica, que possibilitaria melhorar a qualidade de vida. O fato de procurar uma cidade com um forte crescimento industrial não é garantia de emprego, porque sendo essas cidades um pólo atrativo de migração, isso acaba por constituir um excedente populacional, crescimento desordenado do espaço urbano, um grande exército de reserva, posto que as indústrias não comportam tamanha mão-de-obra.

Dessa forma, ao passo que a esperança se esfacela, volta à inquietação e a busca por melhorias de condições de vida reavivam, isso está posto no relato de Marilda, quando ela fala que vieram para Araguari. Esse novo espaço é ressaltado com grande significado, sendo mesmo um marco divisório em sua vida, principalmente quando ela fala do café e por ser também o espaço onde ela se constituía enquanto catadora de reciclável.

Logo em seguida, ela afirma que seu último trabalho foi no Lixão, então assim fica a questão, se em Araguari era melhor de serviço por causa do café, como se explica o fato de ela e sua família, marido e filho, irem para o Lixão buscando garantir sua sobrevivência? Esse fato talvez se deva à superação que o café sofreu em relação à soja

⁵⁴ Esse tempo das necessidades quer dizer que os horários são ditados pelos afazeres do campo, por exemplo, ordenhar uma vaca não é mediante o relógio, assim como uma colheita não obedece também a esses parâmetros.

e o manuseio dessa não necessita de tanta mão-de-obra quanto o café, devido à mecanização que ocorrera no campo.

Quando eu lhe perguntei por que saíram de Douradoquara, a primeira coisa que ela disse foi: “trabalhei muito no café quando viemos pra cá”. Posteriormente ela faz uma comparação entre sua vida em Douradoquara e em Araguari, e novamente o café aparece em destaque.

*Nós viemos para cá porque aqui era melhor de serviço, muito café para plantar e para colher. Dava mais dinheiro do que ficar em Douradoquara quebrando côco. Lá quando não tava na roça, era quebrando coco pra vender. Ai aqui já era diferente.*⁵⁵

Em sua fala ela faz uma comparação entre as condições de trabalho do seu lugar de origem e para onde se mudou, não menciona o fato de ter vivido em Uberlândia, antes de ir para Araguari, por 5 anos. Isso no remete a questionarmos a importância que esse período teve em sua vida, ou talvez ela não queira lembrar por esse momento significar certa frustração em sua vida.

Pois, ao saírem do campo, respaldados em seus valores, costumes e imbuídos de sonhos e expectativas, se deparam com uma cidade em franco desenvolvimento econômico, respaldado em um discurso modernizador, constituinte de hábitos e valores opostos aos daqueles sujeitos. Em um primeiro momento, eles se viram em choque com o desconhecido, somado ao fato de não terem suas esperanças concretizadas, dada a realidade da vida no espaço citadino. Isso talvez leve a uma apatia, fazendo com que esses sujeitos não creditem importância a esse momento em seus relatos, relegando-os a meras passagens sem importância.

Essa constatação nos remete a questão da memória. o depoente marca os acontecimentos significativos de sua vida, não sendo esta apenas relatos do passado desses sujeitos, mas sim, como construção de significados acerca de determinados momentos. A esse respeito Portelli afirma:

Mas o realmente importante é não ser a memória um depósito passivo de fatos, mas também um processo de criação de significados. Não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forçadas pela

⁵⁵ Entrevista gravada em 28/11/06 na sede da Associação.

*memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma as suas vidas.*⁵⁶

Já no caso do Roberto, aconteceu o que podemos chamar de migração reversa, posto que ele saiu de uma cidade pólo-industrial, Uberlândia, para residir em outra, Araguari, tendo por principal modalidade empregatícia a agropecuária e a agroindústria. Ele deixou Uberlândia ainda criança com a mãe e duas irmãs menores em busca de uma vida melhor, mas esse desejo não se efetivou: “Foi só serviço, engraxando, vendendo jornal lá em Uberlândia. E depois a gente mudou pra cá, a gente, eu comecei a trabalhar de servente, eu tinha uns dez ou onze anos. Um dia uma semana em café”.⁵⁷

Assim, fica entendido que apesar de se deslocarem do seu lugar de origem, não conseguiram em Araguari a realidade de uma vida mais tranquila, em sua fala está explícito que as condições de trabalho, tanto em Uberlândia como em Araguari, estão marcados pela transitoriedade pois, continuou a exercer serviços temporais, ora era servente de pedreiro, ora ia para a panha do café. Ou seja, estava sempre à mercê das circunstâncias e possibilidades do mercado informal de trabalho.

Contudo, apesar de não encontrar em Araguari a tranquilidade mediante a conquista de um emprego, ele e sua família não quiseram mais voltar para sua cidade natal. Quando eu lhe perguntei por que não voltaram para Uberlândia, ele me respondeu, com uma expressão de certeza, o seguinte: “Não, aqui é muito melhor de viver”.⁵⁸

Isso nos faz pensar que a qualidade do modo de vida é importante para esses sujeitos, não se limitando os seus deslocamentos a apenas problemas financeiros, já que em ambas as cidades eles vivenciaram uma precariedade e instabilidade quanto a empregos. Eles optaram por onde o custo de vida é menor, ficando mais fácil constituir estratégias de sobrevivência.

Talvez seja esse o motivo que levou a família de Marilda ter permanecido pouco na cidade de Uberlândia, pois se o Roberto, que nascera nesse local depois de ter

⁵⁶ PORTELLI, Alessandro.. op. cit

⁵⁷ Roberto Pereira dos Santos. Entrevista gravada em 13/12/05.

⁵⁸ Esse relato é resultado de uma conversa informal que tive com ele dois dias após a entrevista. Depois que analisei sua fala (entrevista gravada) refleti acerca da questão de eles não terem voltado para sua terra natal, com isso percebi que tinha uma lacuna para a qual eu tinha que buscar algumas respostas.

deixado a cidade natal e não ter conseguido uma estabilidade econômica em Araguari, não quisera voltar, afirmando que aqui se vivia melhor.

No caso de Marilda, a questão é um pouco mais complicada, uma vez que, nesse caso, a mudança do modo de vida foi mais acentuada, posto que eles saíram da zona rural, onde as relações ali estabelecidas eram constituídas, mediante a vivência cotidiana e costumeira, entre esses sujeitos e o espaço rural. Quando chegaram na cidade o choque foi imediato, se depararam com novos hábitos e as relações estabelecidas eram conflitantes com aquela em que eles forjaram sua identidade.

A partir da análise dessa questão migratória presente na fala desses sujeitos, podemos dizer que o migrar em busca de melhores condições de vida é algo recorrente, não só em nossa região, mas em todo país. E tão pouco é verdade que o fluxo migratório seja apenas em um único sentido, das regiões mais carentes para as desenvolvidas, claro que esse é o fluxo mais recorrente.

Mas, a migração reversa também acontece, isso devido ao fato de que viver nos grandes centros urbanos é muito caro, mesmo o sujeito estando empregado, as despesas são maiores que a renda, isso devido a toda uma somatória de empecilhos: transporte, saúde, alimentação e moradia assumem uma alarmante proporção de miserabilidade social nos grandes centros urbanos. A experiência de Roberto elucidou essa questão, ele saiu de uma cidade pólo industrial para uma que tem sua base econômica firmada na agropecuária. Assim podemos questionar acerca da direção desse curso migratório, quando se debate a migração no Brasil, as questões são estruturadas na busca desses migrantes pelas regiões mais desenvolvidas economicamente do país, devido a maior possibilidade de empregos nesses lugares. Esses fatos são uma problemática elucidativa das mazelas sociais vivenciadas pelos brasileiros, seja na zona rural, nas pequenas cidades ou nos grandes centros, o certo é que essa vida instável, errante e sofrida constitui uma constante no cotidiano dos brasileiros.

Essa vivência errante dos trabalhadores é semelhante no tocante às atividades realizadas por eles no decorrer de suas vidas, a maioria dos catadores de reciclável trabalharam no passado nas mais variadas atividades. Quem elucidou acerca de certa instabilidade vivenciada cotidianamente pelos trabalhadores, e agravada pela insatisfação mediante as duras condições que permeiam o seu dia-a-dia, foi Ana Magna

Silva Couto⁵⁹ em sua tese de Mestrado, sobre os catadores de materiais recicláveis de Uberlândia, segundo a autora:

(...) essas contínuas mudanças de atividade também demonstram uma insatisfação e um inconformismo com a situação vivida naquele momento. Daí, então uma busca de melhores condições de trabalho e melhor remuneração.

Esse fato é recorrente na fala da maioria dos catadores de Araguari, mudavam constantemente de serviço, um exemplo disso é o depoimento do Sr. Camargo, onde ele conta que exerceu as mais variadas atividades tanto no espaço urbano quanto no rural. Ele começou a trabalhar aos doze anos na roça com o pai e posteriormente trabalhara nas mais variadas funções e lugares, quando lhe perguntei onde ele havia trabalhado após a mudança para Araguari, ele disse:

Trabalhei uns oito meses no café, depois fui para a Arena, fiquei uns três anos. Ai voltei pro café. Trabalhei de frentista no posto Brasília, uns dois anos e meio. Ajudei a construir o Sesi Minas por dois anos e oito meses. Trabalhei de cozinheiro uns quatro anos, voltei pro café. Ai acabei de terminar meu trabalho mesmo antes da aposentadoria lá na Emborcação, seis anos e oito meses. Ai eu aposentei em 1996.⁶⁰

Em seus relatos fica explícito o vai e vem dos trabalhadores em busca de trabalho, sendo que, apesar de ter deixado o espaço rural, este estava sempre presente em sua vida. No percurso de suas idas e vindas em busca de trabalho, o café aparece três vezes, assim podemos dizer que a separação entre urbano e rural fica um pouco diluída. Isso vem a reafirmar a preponderância agrária dessa região, onde as possibilidades de trabalho, mesmo que seja temporário, são em sua maioria no campo, e especialmente na panha do café, como é fato que essa atividade, hoje já não é o carro chefe da economia da cidade, fica entendido o porquê de tamanho excedente de mão-de-obra.

Outra questão elucidativa em sua fala é no tocante à não identificação com nenhuma profissão, ele as menciona didaticamente marcando até o período que ficou em cada uma delas, sem se deter em nenhuma, ou expressando algum tipo de emoção.

⁵⁹ COUTO, Ana Magna Silva. Trabalho Quotidiano e Sobrevivência: Catadores de Papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia- 1970-1999. 2000. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

⁶⁰ Entrevista gravada com o Sr Camargo em 15/11/06.

Mas quando eu lhe perguntei por que muitas pessoas optaram por trabalhar com o reciclável, ele disse que alguns acham que é melhor do que trabalhar na roça, ao contrário dele, que só trabalha no reciclável porque não tem mais saúde para trabalhar na roça, pois se pudesse é lá que ele estaria:

Eu se não fosse esse negócio de, porque eu já fui intoxicado com aquele Fulidol, acho que em 1968.. Mas se não fosse isso minha filha eu estava era nos tomate. Eu gosto, é melhor do que isso que eu estou mexendo.⁶¹

É interessante que, anteriormente quando eu lhe perguntei onde havia trabalhado no decorrer de sua vida, ele não mencionara o tomate, e sendo essa atividade a que lhe causa prazer, onde ele se realiza e se identifica. Essa questão nos leva a refletir acerca do pertencimento desses sujeitos, daquilo com o que eles se identificam. Pois no decorrer de nossa conversa ficou explícito que o Sr Camargo se identifica com o espaço rural, quanto aos hábitos e modo de vida, ou seja, ele constituiu com as práticas rurais uma relação de pertencimento.

Contudo, apesar de que essa realidade migratória dos trabalhadores, seja no tocante ao deslocamento espacial ou quanto à instabilidade de emprego, existem também os casos singulares em que o trabalhador conseguiu exercer por praticamente toda sua vida em um determinado ofício, concedendo-lhe assim certa estabilidade, ou talvez o fato de trabalhar praticamente toda sua vida em um mesmo ofício seja devido a sua identificação com esse determinado trabalho.

Esse é o caso do Sr. Pedro, apesar de ter começado a trabalhar ainda na infância com 12 anos, ajudando o seu pai com a lida da roça, aprendeu uma profissão com a qual ele criou um elo de pertencimento, da qual ele tirou o sustento de sua família. Quando eu lhe perguntei como foi a sua vinda para a cidade, ele conduziu sua fala para apresentar a sua profissão, sendo a mesma o marco divisório em sua vida:

Foi assim antes de eu mudar lá para a Fazenda de Goiás eu tinha estado no batalhão aqui em 1965. Deu no dia de eu apresentar aqui aí eu vim. Encontrei meu primo o Zé William, até ele já faleceu. Ele me convidou para ajudar ele a fazer um barracão em Corumbaíba. Foi lá a primeira vez que eu peguei em um serrote. Aí ele falou: eu vou te ensinar a profissão, se você quiser até formar eu

⁶¹ Idem.

*te formo. Ai eu fiquei lá trabalhando de carpinteiro 1 ano e 8 meses. Sai e fui trabalhar por conta.*⁶²

Em seu relato, podemos perceber que esse momento é retratado com detalhes e datas, sendo de grande significativo em sua vida, isso nos faz pensar acerca da importância de uma instabilidade no emprego, não só pela questão financeira, mas também devido a uma identidade com o seu ofício.

Essa questão da profissão, identificação com um determinado ofício, que no caso do Sr. Camargo não foi possível exercê-la durante todo período de trabalho em sua vida, ao contrário do Sr. Pedro que durante sua vida trabalhara com carpintaria, isso nos remete a questão. Porque esses sujeitos foram trabalhar na cata do reciclável?

São vários os motivos que levaram esses sujeitos a trabalharem com o reciclável, contudo, segundo os depoimentos aos quais eu tive acesso, todos começaram por uma questão de sobrevivência. Mesmo que o caminho percorrido por eles seja diferente.

Para o Sr. Pedro, após ter constatado que tem um problema de coluna, e não poderia mais exercer a sua profissão de carpinteiro, somado ao fato de que por mais perícia médica que fizesse, jamais conseguiu um laudo para se aposentar, logicamente ele tinha que encontrar um meio de sobreviver. Não podendo exercer sua profissão, devido ao grande desgaste físico do mesmo, começou a trabalhar com sua carroça de tração animal, mas carroto, hoje em dia não rende mais, segundo ele mesmo afirma, foi nesse momento que ele encontrou na venda desse material uma saída de sobrevivência. A esse respeito ele afirma:

*Pelejei pra aposenta por causa de uns problemas de saúde. Eu tenho artrose, artrose lombar iscoriose... mais não tem jeito. Aquela doutora Solange acho que tem um negócio lá comigo, que num tem jeito. Aquela é triste todo mundo fala daquela mulher.*⁶³

Dessa forma, para o Sr. Pedro, esse trabalho constitui a saída para a sobrevivência dele e de sua família, não tendo conseguido se aposentar, os laudos médicos, que ele fez questão de me mostrar, afirmam que está apto ao trabalho. E claro

⁶² Entrevista gravada em 29/04/06

⁶³ Idem.

tendo ele problema de coluna que logicamente o impossibilita de exercer sua profissão, da qual, ele tem muito orgulho, e afirma que o seu sonho era curar do problema e voltar a exercer sua profissão.⁶⁴

Já a realidade da Dona Maria de Fátima é um pouco diferente, contudo apresenta a mesma dificuldade cotidiana de sustento da família, ela trabalha de empregada doméstica, seu ordenado não perfaz nem ao menos um salário mínimo, recebe 80% do salário⁶⁵. Para complementar a renda familiar, visto que seu marido trabalha de carteira assinada, em um clube da cidade, no setor de limpeza e seu ordenado é apenas um salário mínimo, por isso eles vendem o material para ajudar na renda familiar. “Isso aqui ajuda a gente pelo menos comer melhor, ainda bem que nós num paga aluguel. Ai o dinheirinho que sai daqui dá pra defende uma carnimha, e fruta.”⁶⁶

Outra questão de grande relevância é no tocante aqueles que não são “úteis” para as exigências do Mercado de Trabalho, seja porque são velhos demais, não tendo mais o mesmo vigor físico para o trabalho ou por ser jovem demais, nesse caso não ter experiência suficiente para o exercício de seu ofício. Assim, as exigências do Mercado de trabalho, acabam por excluir os sujeitos de seus direitos, a esse respeito o Sr. Osvaldo Ribeiro desabafa em uma conversa informal em sua residência: “É filha é difícil viver, eu sou novo demais pra aposenta, mais velho demais pra trabalhar. Ninguém que empregar eu não. Por isso eu tem que juntar e vende isso aí”.⁶⁷

A fala do Sr. Osvaldo explicita toda sua indignação quanto à situação que lhe é imposta, ele se emociona ao fazer esse desabafo, se sente humilhado por não ter direito a trabalhar. Essa situação o coloca na condição de um “sem lugar”, pois, o Mercado não lhe quer mais, pois não é “produtivo”, ao passo que o Estado se isenta, posto que ele

⁶⁴ No momento que ele fala da sua profissão se emociona e chora. depois, ainda visivelmente emocionado ele me mostra uma foto dele com um serviço pronto. A expressão dele naquele momento, assim como na fotografia era de orgulho, exibindo aquele momento, eternizado pela fotografia, como um troféu.

⁶⁵ O trabalho doméstico pode ser compreendido como informal, mas a informalidade semelhante com a reflexão de Rinaldo Varussa, apenas no tocante aos direitos, pois já com os deveres do trabalhador a formalidade está presente e atuante. VARUSSA, José Rinaldo. *Catadores de Papel em Marechal Cândido Rondon – PR: memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho*. In: ALMEIDA, P. R. (org) Outras histórias: memórias e lugares. São Paulo, Olho d'água, 2006.

⁶⁶ A fala de dona Maria de Fátima foi resultado de uma conversa informal com ela em sua residência. Eu me interessei pela conversa e lhe perguntei se eu poderia fazer anotações, ela permitiu. Em 12 de Abril de 2005.

⁶⁷ O Sr. Osvaldo Ribeiro 60 anos residente no bairro Santa Helena, ele está desempregado e não consegue outro emprego devido a idade avançada. Sua fala fora resultado de uma conversa informal em sua residência Em 12 de maio 2005.

não tem a idade mínima para se aposentar, assim, ficam algumas indagações. O que lhe resta fazer? Quem é ele nessa sociedade?

Ele afirma que goza de boa saúde e poderia muito bem trabalhar, mas não é aceito, e tampouco, já que ninguém mais quer lhe oferecer emprego devido a sua idade, pode se aposentar, pois não tem idade suficiente. Dessa forma, fica a questão, como afirma o próprio Sr. Osvaldo, “que é que eu vou fazer, eu preciso comer, roubar eu não vou, então...” Essa realidade denota todo um grau de violência moral que é imposta a esses sujeitos.

Somado a isso, outro fator elucidativo é quanto às exigências de qualificação para trabalhar, ou ainda, existem pré-requisitos para se contratar um empregado, dentre eles precisa ter experiência e pelo menos o ensino fundamental completo.⁶⁸ Contudo, a realidade por nós vivenciada impõe à maioria da população condições que não permite concluir nem ao menos o Ensino Fundamental. Esse é o caso de dona Maria de Fátima da Santos, que estudou até o 2º ano primário, nunca trabalhou de carteira assinada, na infância trabalhou na roça com o pai e com a mãe, e posteriormente de doméstica.

Quando lhe perguntei como foi sua infância, ela foi direta, “trabalhando na roça, ajudando meu pai capinã, planta melancia, mandioca, milho e arroz.”⁶⁹ Nessas condições ela disse que ninguém lhe ofereceria emprego. Pois, oficialmente ela nunca trabalhou estudo não tem nem ao menos o 4º ano primário. Mas ela insistiu algumas vezes, achava que um dia teria sorte e arrumaria um emprego, até que um dia desistiu.

*Eu já procurei no Sine, já fui procurá no Sine, ia toda semana lá... eu vendia azulzinha na época, pegava um carrinho de picolé pá vender também. Ai eu passava lá, só tinha serviço pra quem tinha referência, que tinha estudo. Porque vamos supor, eu queria na época serviço de qualquer coisa (...) Eles falava que tem que ter istudo, pra ter uma pessoa que dirija. Ai eu num fui mais não né, da última vez que eles falo isso num fui mais não.*⁷⁰

⁶⁸ Isso está claro nas próprias exigências quando são anunciadas as vagas para o mercado de trabalho, é preciso ter experiência e estudo, o mínimo exigido (até para peão de fazenda) é o ensino fundamental. Informações concedidas pelo SINE de Araguari.

⁶⁹ Dona Maria de Fátima da Silva Santos 55 anos residente no bairro Independência, casada com o Sr Luis que está desempregado desde que caiu de um andaime em uma construção onde ele trabalhava e quebrou os dois pés. E claro não tendo atendimento médico digno ficou com problema e sente dores até hoje. Entrevista realizada em sua residência em 13/ 05/06.

⁷⁰ Idem.

A fala de dona Maria de Fátima da Santos explicita duas formas de violência vivenciada pelos trabalhadores. Além de não ter podido estudar porque precisava trabalhar com os pais na lavoura para colocar dentro de casa o mínimo do mínimo para a sobrevivência.

Agora, não consegue um emprego que tanto queria e precisava, não tendo conseguido nada acabou por desistir. E continuou fazendo os “bicos” que apareciam, até que um dia começou a vender reciclável.

Outro fator que faz aumentar ainda mais o número de catadores na cidade é questão da aposentadoria insuficiente para sobrevivência daquele que trabalharam por toda uma vida e agora precisa fazer “bicos” para complementar a renda familiar.⁷¹ Esse é o caso do Sr. Camargo, ele é aposentado, mas trabalha na comercialização do material reciclável para poder “fazer alguma coisa diferente”. Quando eu lhe perguntei por que ele começou a trabalhar com o reciclável, ele disse:

Ai esse é para inteirar o salário, e outra é para não ficar parado. Igual a comadre Silvia disse: pessoa de idade não pode ficar parado não, se não enferruja. Comecei a trabalhar uns dias nos tomate, mas eu na estava agüentando por causa do veneno. Ai comecei com esse serviço. A ajuda do reciclável é que sobra algum troco, pra fazer isso aí que você está vendo. Sobra do salário mínimo aí eu faço. É com o reciclável, dá para comprar as coisas pra comer e aí sobra.⁷²

Em seu relato o Sr. Camargo coloca que trabalha no reciclável para garantir o seu sustento, como o salário da aposentadoria não é suficiente, ele buscou um meio de complementá-lo. Primeiro foi para os tomates, ofício esse que lhe dá prazer com o qual ele se identifica, mas não conseguiu permanecer, pois o veneno lhe faz mal porque ele tem bronquite asmática.

Contudo, mesmo o Sr. Camargo não tendo mencionado isso, outro fator que possivelmente o impediu de trabalhar na panha do tomate, é a idade avançada, não conseguindo suportar tamanho desgaste físico, pois quando eu lhe perguntei como é sua rotina de trabalho, ele disse que no começo catava todos os dias, mas como estava cansando muito, agora só vai três vezes por semana, e em horários de menor desgastes, de manhã e no começo da noite, devido ao sol.

⁷¹ Visto que o salário mínimo hoje é de R\$350,00 e as despesas de um aposentado não se limitam a isso.

⁷² Entrevista gravada na residência do Sr. Camargo em 15/11/06.

Morando em casa própria o Sr. Camargo não tem gastos com aluguel, quando ele fala que com o dinheiro do reciclável faz isso aí, ele está se referindo a melhorias na casa, como o portão que ele cercara a frente da casa, e a compra de alguns bens de consumo, no caso uma televisão nova de 29 polegadas. Assim, o trabalho com o reciclável pode ser entendido como a saída para a realização de algumas vontades, que não podem ser realizadas com a aposentadoria, pois essa renda mal dá para garantir a alimentação.

Mas o seu depoimento coloca uma questão que veio a questionar os meus pontos de vista acerca de o porquê os sujeitos, mesmo aposentados, foram trabalhar nesse ofício, constatei que o motivo não é somente por causa de uma sobrevivência financeira, mas também a sobrevivência de seu modo de vida da preservação de seus hábitos e costumes.

Pois como relatou o Sr. Camargo, o trabalho está presente ao longo de sua vida, constituindo um elo de pertencimento fazendo parte integrante de sua vida, e estando ele agora aposentado, teria que fazer alguma coisa para manter se vivo. Isso é posto quando ele diz que trabalha para não ficar parado porque se não enferruja. Dessa forma, podemos pensar acerca da importância que o trabalho assume na vida desses sujeitos.

Toda sua vida foi em torno do trabalho, esse traz as lembranças de uma experiência e de uma identidade que ao recordar a emoção que eles expressam é nítida, não conseguindo conter as lágrimas. Isso eu pude perceber quando tanto o Sr. Camargo em relação a panha do tomate, quanto o Sr. Pedro no caso da carpintaria. Assim, podemos perceber que o trabalho constitui um valor para esses sujeitos necessitam dessa realização para se sentirem vivos e úteis, pois no decorrer de suas vidas o trabalho é que delimitava até mesmo os momentos de lazer.

E por fim tem aqueles que, não são aposentados, não estão com idade avançada como é o caso do Sr. Osvaldo Ribeiro, e tão pouco tem problema de coluna como o Sr. Pedro. E mesmo assim não conseguem um emprego e se viram na urgência de buscar um meio de sobrevivência. Não tendo outra saída que não fosse ir para o Lixão catar material reciclável. Esse é o caso do Roberto, ele já havia trabalhado nos mais variados serviços, mas chegou um momento que não conseguia mais nada, e teve que buscar outras alternativas de sobreviver:

*E assim foi lutando daqui dali, pelejando daqui dali. Fiz salgado para vender. Porque tinha uma fase que não tinha serviço em lugar nenhum né. Ai eu comecei catar, depois que surgiu o Lixão pra nós.*⁷³

A partir do seu relato podemos perceber a crise por falta de trabalho para esses sujeitos no espaço citadino de Araguari, só lhes restava fazer os “bicos”, até mesmo o café que outrora foi pólo de atração desses emigrantes, como já relatara Marilda, que veio para Araguari vislumbrando ganhar dinheiro no café, e por fim terminara como o Roberto catando reciclável no Lixão.

Mas o fato de esses sujeitos não conseguirem trabalho e irem para o Lixão, não se deve apenas à carência de empregos, estes até podem existir, entretanto, talvez esses sujeitos não sejam qualificados para as tarefas disponíveis.⁷⁴

Isso vem a corroborar essa questão, visto que no caso, não só do Roberto mais da maioria dos sujeitos que eu entrevistei começaram a trabalhar ainda na infância, e tiveram que deixar a escola, não tendo completado o ensino fundamental.⁷⁵ A maioria deles na verdade não completaram nem mesmo o quarto ano primário.

Dessa forma, podemos dizer que o fato de eles se constituírem em catadores de materiais reciclável foi mediante à busca pela sobrevivência, seja essa financeira ou de um determinado modo de vida. Contudo, é preciso fazer aqui uma ressalva – apesar de que esse trabalho busca discutir o surgimento desse ofício e o porquê esses sujeitos optaram por ele, (ou não tiveram nem o direito a opção) – não podemos afirmar que só trabalham com a venda desse material aqueles sujeitos que se encontram de alguma forma alijados do mercado de trabalho, ou precisa realizar “bicos” para sobreviver. Pois, o que está evidente é que alguns donos de comércio que outrora juntavam o material para os catadores agora são seus concorrentes, a fala dos próprios catadores elucida esse fato, quando eu perguntei ao Sr. Camargo sobre o material do comercio ele disse: “O Supermercado do Povo eles me dão, mas o Renascer não, eles vendem, o Varejão também vende e o Melo Viana”.⁷⁶

Com isso, podemos dizer que, apesar de a cata do material reciclável ter se iniciado mediante a necessidade de sobrevivência dos trabalhadores, hoje se tornara,

⁷³ Entrevista gravada na residência de Roberto em 13/12/05.

⁷⁴ Isso já fora relatado acima em relação a dona Maria de Fátima Silva Santos.

⁷⁵ Apenas Vanessa e Vera afirmaram que quase concluíram o ensino fundamental e pararam de estudar por que não gostavam.

⁷⁶ Entrevista gravada na residência do Sr. Camargo em 15/11/06.

não apenas alternativa de sobrevivência, mas também uma forma de ter um lucro maior em seus negócios, pois, vender esse material não é a única renda de lojas comerciais como as que foram acima citadas pelo Sr. Camargo.

O que podemos concluir acerca desse fato é que hoje, trabalhar com a venda de material reciclável, não se restringe aos sujeitos que não tem outra alternativa de sobrevivência, mas está diluído no tecido social, isso confirma que esse novo ofício, é um campo que atrai o mercado capitalista.

Mas, apesar de esses donos de estabelecimentos estarem lucrando com a venda dessa material eles não se enquadram na categoria dos catadores de materiais de recicláveis, apenas vendem aquele que já estão em seu poder. Pois, ser um catador pressupõe exercer esse ofício, estar em contato com a rua, os colegas de trabalho, assim como resistir a todos os obstáculos sejam esses, quanto à exploração por parte dos empresários ou do poder público, e a partir daí esses sujeitos reelaboram seus valores e costumes, construindo um o seu próprio modo de vida, o de um catador de material reciclável.

Capítulo II

Sujeito e Cidade: resistência, dominação, costumes valores e práticas sociais, a construção de uma identidade.

O cotidiano dos Catadores de Material Reciclável de Araguari constitui-se em uma gama de relações conflituosas e contraditórias no espaço urbano.

Nesse capítulo busco discutir acerca da luta diária dos catadores em busca de sua sobrevivência e dignidade, como eles empreendem suas resistências ou conformismos, as dificuldades econômicas, formas de dominação do poder público e a exploração por parte dos empresários que lhes são impostos o grande esforço físico que exige o exercício desse trabalho e ao preconceito de parte da sociedade para com eles. Assim como as relações entre eles que se efetivam mediante a rivalidade pelos pontos de coleta do material ou a existência de laços de amizade e solidariedade. E como, a partir de toda essa dificuldade em busca da sobrevivência eles saíram da “condição de lixo”⁷⁷ e reelaboraram seus valores e costumes construindo um novo modo de vida, se identificando enquanto catadores de material reciclável.

Sobre o trabalho realizado no espaço da rua, mediante afirmação dos entrevistados, é muito penoso fisicamente por causa da exposição direta ao sol e andar quilômetros puxando uma carrocinha pelas ruas da cidade.⁷⁸ Buscando minimizar esse desgaste eles organizam o seu tempo preferindo sair para a coleta do material ainda de madrugada ou ao entardecer, com isso, evitando um desgaste maior que seria enfrentar o sol no decorrer do dia.

Mas, essa possibilidade de escolher o horário de sair para a coleta é restrita apenas aos particulares, que conseguem exercer certo controle em seu dia-a-dia de trabalho. Pois, apesar do que afirma Ana Magna Silva Couto, acerca da autonomia dos trabalhadores ser na verdade um sonho, uma projeção daquilo que eles queriam que

⁷⁷ Essa “condição de lixo” é o que eles definem como sendo eles na época do Lixão.

⁷⁸ Ao contrário dos catadores de Uberlândia que realizam a coleta do material geralmente com uma carroça de tração animal, como é retratado na dissertação de mestrado de Ana Magna Silva Couto, em Araguari é diferente, ou são carrocinhas anexadas a bicicletas, ou, como é o caso da ASCAMARA arrastada por eles mesmos. Pois, se fosse tração animal eles ainda teriam gastos com o alimento.

fosse verdade. Eu percebi mediante as falas dos entrevistados que em relação aos particulares, mesmo que não seja plena, posto que a rentabilidade financeira dependa do quanto você coleta por dia, ela está presente. A fala do Sr. Camargo é expressiva a esse respeito:

Entreguei ontem deu 42 reais eu não ando todo dia não, tava cansando demais. Eu ando na terça, na quarta e na quinta. Amanha eu vou lá na comadre buscar o que ela juntou pra mim. E ponto eu não tenho não tem uns amigos que separa pra mim. Na rua 15 na 14, o seu pai, o seu Antônio todos separam pra mim. Eu trabalho mais é nos bairros Goiás e no Santiago.⁷⁹

O Sr. Camargo relata que, além de exercer certa autonomia em seu trabalho, explicita também uma relação de laços de amizade entre os catadores e alguns moradores, pois, ele afirma que vai o dia que dá para ir, não percorrendo pontos, mas sim residências onde ele tem certeza que o material está ali à sua espera.

Mas, em outros casos, essa autonomia é bem mais restrita, ao contrário do Sr. Camargo, que é aposentado e mora em residência própria, a maioria dos catadores vivem exclusivamente da cata do reciclável, e ainda pagam aluguel. Essa é a realidade do Sr. Pedro que vive com uma filha e quatro netos, está impossibilitado de exercer sua profissão de carpinteiro e não conseguiu se aposentar e tampouco tem casa própria. Por isso ele precisa ter um pouco mais de disciplina no seu trabalho, ele sai todos os dias para a coleta do material e tem os seus pontos de recolha delimitados por bairros, que são o mais próximo possível de sua casa, a única coisa da qual ele pode vislumbrar certa autonomia é porque pode escolher o horário em que vai sair para recolher o material:

Eu mais trabalho é de manhãzinha e de noite né. O sol quente demais maltrata a gente né. Mas eu ando todo dia né, nos bairros Independência, Goiás, Santa Terezinha e Ouro Verde.⁸⁰

Assim, podemos compreender que essa autonomia (no caso dos particulares) é, na verdade, relativa. Nesse ponto eu concordo com Ana Magna Silva Couto acerca dessa relatividade, pois além do fato de que a remuneração é diretamente proporcional à quantidade de material coletado, ou seja, quanto menos material, menor será a renda,

⁷⁹ Entrevista realizada em 15/11/06 na residência do Sr. Camargo.

⁸⁰ Entrevista realizada em 29/04/06 na residência do Sr. Pedro.

existem também as dificuldades inerentes à precariedade das condições de trabalho desses sujeitos.

Já no caso dos catadores associados o seu tempo é ditado mediante a estrutura e horário do mercado formal de trabalho, no período da manhã eles trabalham na rua coletando o material, tem duas horas de almoço e a tarde fazem a triagem⁸¹ do que foi recolhido pela manhã. Isso devido ao fato de que a fundação da ASCAMARA se efetivou sob a tutela do poder público municipal, na verdade foi efetivada por este ainda hoje permanece ligada ao mesmo.

Dessa forma, podemos dizer que os limites dessa informalidade creditada a esse ofício é algo contestável pelo menos no que se refere aos associados, na verdade, o único ponto em que a informalidade está amplamente presente é no tocante aos direitos trabalhistas desses sujeitos. Pois eles não são funcionários da Prefeitura e tampouco dos donos dos depósitos para onde eles vendem o material arrecadado, são “livres” de qualquer vínculo empregatício, o único elo é com a associação, ou seja, com eles mesmos. Essa liberdade, assim como a informalidade, é restrita no tocante aos direitos trabalhistas que lhes são negados. Por outro lado, a pressão por parte da Prefeitura para com o mínimo de produção é muito grande, assim como quanto à rigidez de horário.⁸²

Ou seja, a informalidade é apenas quanto aos direitos, pois, quanto aos deveres a estrutura é a mesma de outro empregado qualquer, essa questão elucida bem o que Varussa⁸³ reflete acerca da relação empregatícia entre os catadores, (no caso de sua pesquisa especificamente os trabalhadores de Marechal Cândido Rondon) e os donos do depósito como sendo a tão sonhada flexibilização das relações de trabalho, livrando os empregadores daquilo que eles mais combatem, os encargos sociais.

No caso de Araguari só muda o patrão, este não é o empresário, mas sim o poder público, a Prefeitura Municipal, que detém o espaço físico onde eles trabalham, é dona dos carrinhos, dona do caminhão e por isso toma as decisões junto aos associados⁸⁴.

⁸¹ Triagem é o processo de separação do material em cor e tipo.

⁸² “Prefeitura ameaçou cortar a ajuda se os catadores não cooperarem, eles precisam entender que para trabalhar precisam usar o crachá e o uniforme, assim como respeitar os horários, ou seja, trabalhar das 7:00 as 11:00, duas horas de almoço e voltas as 13:00 até as 17:00”. Ata de reunião da ASCAMARA, dia 10/08/04.

⁸³ VARUSSA, José Rinaldo. Catadores de Papel em Marechal Cândido Rondon – PR: memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho. In: ALMEIDA, P. R. (org) *Outras histórias: memórias e lugares*. São Paulo, Olho d'água, 2006.

⁸⁴ A sede do galpão da Associação é cedido em regime de comodato. Arquivo da Secretaria do Trabalho e Ação Social/PM Araguari-MG.

Dessa forma, podemos observar que a relação entre a Prefeitura e os associados responde a uma estrutura de dependência, a administração pública não tem encargos sociais com esses sujeitos, ao passo que os mesmos exercem um serviço que seria de obrigação do município, a coleta seletiva. E para que esse apoio continue é preciso que os associados obedeçam a determinadas regras impostas pela administração pública, constituindo assim, certo controle do poder público para com esses sujeitos.

Isso fica evidente na fala de Vera, uma das associadas, quando eu lhe perguntei como era a relação com a Prefeitura: “Eles, (prefeitura) todo mundo respeita porque é eles que dá apoio pra nós, por isso tem que obedecer se não...”⁸⁵

Essa questão da obediência para com a Prefeitura, assim como a existência de uma tutela paternalista, é trazida na fala de Dona Maria de Fátima Silva, na forma de indignação, ao logo de seu depoimento ela faz questão de deixar isso claro, quando eu lhe perguntei sobre a saída do Lixão, ela disse:

Então agora melhorou muito para nós, um pouco que eu acho ruim, que eu fico revoltada é umas coisas que anda acontecendo com o povo do Meio Ambiente, porque eu falo aqui falo para eles. As vezes tem uma reunião e a gente quer falar alguma coisa aí eles manda a gente calar a boca, grita com a gente. Aí eu fico revoltada com eles, fico mesmo. No começo a gente ia falar alguma coisa aí eles falavam pra gente assim: se não está satisfeito de ficar aqui a porta da rua é a serventia da casa. Isso está guardado na minha cabeça, magoada com esse trem desde que nós começamos.⁸⁶

Essa fala é na verdade um desabafo de Dona Maria, onde ela relata os embates entre os catadores e os representantes do poder público municipal e a humilhação que, segundo o relato de Dona Maria é constante, aconteceu tanto no começo quando foi fundada a Associação, quanto agora depois de 5 anos de ASCAMARA. O interessante é que esses conflitos entre o poder público e os trabalhadores, que está amplamente presente na fala da maioria dos associados, não são mencionados nos discursos provenientes do poder público, aos quais eu tive acesso. Apenas é mencionada uma inicial resistência por parte dos catadores, pois, desconfiavam das reais intenções da Prefeitura, mas em momento algum aparecem conflitos entre as partes, na verdade o que fica entendido é uma “perfeita harmonia” e a administração pública se apresenta como a

⁸⁵ Entrevista realizada na sede da associação em 28/11/06

⁸⁶ Entrevista realizada na sede da associação em 28/11/06

benfeitora daqueles sujeitos.⁸⁷ Essa contradição, entre os relatos dos associados com o discurso produzido pelo poder público, ressalta uma questão interessante e para qual um pesquisador deve estar atento, o que evidencia aqui é o confronto entre dois discursos, onde cada um fala de acordo com o lugar social que representa.

Acontece que, esse controle exercido pelo poder público não está restrito aos associados, também está presente no cotidiano dos particulares, fazendo uso de seus quintais como depósito dos materiais coletados, estão sujeitos a todo o momento às pressões do poder público. Em uma conversa informal com Maria Aparecida de Oliveira, diretora da Epidemiologia e Controle da Dengue de Araguari, ela afirmou que:

O promotor é todo ASCAMARA ele “declarou guerra” aos catadores autônomos, afirmando que não haveria tolerância para ninguém que persistisse “clandestino” e estivesse ferindo o Código de Posturas do município.⁸⁸

Essas investidas do poder público contra os particulares está presente no cotidiano desses sujeitos com as constantes fiscalizações e até mesmo desrespeito para com o trabalho realizado por esses sujeitos. Dona Maria de Fátima Santos que trabalha por conta própria relatou o que ocorreu com sua irmã que também é catadora, quando eu lhe perguntei por que o material de sua irmã fica no seu quintal, ela disse:

Porque o quintal dela lá é aberto, é as crianças fica mexendo, ela arruma igual você viu, você chegou ela estava arrumando. Ela arrumava chegava filho dos outro e mexia, você sabe criança mexe mesmo. Ai chegava o povo da dengue, da sucam e saia pondo todo mundo pra catar os materiais, ai ela pediu pra guardar aqui. Eles (controle da dengue) jogaram lá na rua as coisa da Darc, ela ficou aborrecida. Eles já tinham ensacado e amarrado, deixasse lá o material dela, mas eles pegaram e colocaram lá na esquina para o lixo pegar.⁸⁹

Fazendo uma análise sobre esses dois últimos depoimentos, fica evidente que é grande a pressão sobre os particulares, mas fica uma indagação. Porque essa pressão por parte do poder público para que esses sujeitos se associem? Para responder essa

⁸⁷ Arquivo da Secretaria do Meio Ambiente/PM Araguari-MG

⁸⁸ Maria Aparecida de Oliveira é Coordenadora de Epidemiologias e Controle da Dengue em Araguari. Sua fala é resultado de uma conversa informal em seu escritório no dia 07/12/06

⁸⁹ Entrevista realizada em 13/05/06.

questão, antes é preciso ressaltar alguns pontos da reflexão de Maria Andréia Angelotti do Carmo, que em seu trabalho sobre as vivências experiências e dificuldades dos apanhadores de café em Araguari, elucida acerca da criação da Cooperativa dos trabalhadores. A criação da Cooperativa nada mais é do que uma inovadora forma de exploração por parte dos cafeicultores para com os trabalhadores.⁹⁰ Pois, o trabalhador sendo um associado, o empregador deixa de ter qualquer obrigação trabalhista para com este, afinal ele é um “autônomo” livre de qualquer vínculo empregatício, segundo Angelotti:

*(...) a transformação do bóia-fria em autônomo é, entre outras possibilidades, uma das formas de se retirar do empregador a responsabilidade do recolhimento do INSS, passando-a para o trabalhador, isentando o patrão também de pagamento de férias, décimo terceiro, entre outros.*⁹¹

Contudo, essa liberdade se restringe à inexistência dos direitos trabalhistas, posto que, até mesmo a adesão dos trabalhadores à cooperativa, apesar do discurso da livre adesão, o que ocorre na verdade é uma imposição, pois, os proprietários exercem uma pressão muito grande não contratando os não associados.

Assim, essa autonomia do trabalhador não passa de um discurso, não existe também no cotidiano de trabalho, eles estão sempre vigiados pelos fiscais e coordenadores e também obedecem a horários rígidos e normas impostas. Ficando apenas no discurso essa autonomia do trabalhador, assim como a liberdade.

É nesse contexto que se insere a criação da ASCAMARA, ela foi criada por iniciativa da administração municipal, mediante a necessidade de “limpar” o espaço físico do Lixão para a construção do Aterro Sanitário. E conseqüentemente, havia a exigência por parte da FEAM - Fundação Estadual do Meio Ambiente, de os municípios mineiros implementarem a coleta seletiva, em parceria com os catadores⁹². Pois, se continuasse indo para o aterro a mesma quantidade de resíduos sólidos que sempre foi

⁹⁰ Desde maio de 1996 a COPERSETRA tem presença marcante nas relações de trabalho entre trabalhadores e cafeicultores em Araguari. Ver: ANGELOTTI, Maria Andréia do Carmo. *Lavradores de sonhos: saberes e (des) caminhos de trabalhadores volantes 1980 – 2000*. Editora PUC, 2006.

⁹¹ Idem.

⁹² Segundo o inciso V do artigo 2º da DN 52/2001. GOMIDES, Clécio Eustáquio; GONÇALVES, Scheilla Samartini. *Cartilha de Orientações técnicas para atendimento ao artigo 2º da deliberação normativa 52 2001 do Conselho Estadual de Política Ambiental*. FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente, Abril 2005.

para o Lixão a vida útil do mesmo seria mais curta isso seria inviável nos âmbitos econômicos e ambientais.

Mas, a realização de um projeto de coleta seletiva no município seria muito dispendioso em termos financeiros, precisaria contratar novo funcionário e caminhões próprios para o serviço, e reestruturar todo o processo de coleta urbana de lixo, fazendo a coleta separada, entre o recolhimento do material orgânico e do não orgânico, mas a existência daqueles sujeitos no Lixão vivendo da cata do material reciclável, a solução para o poder público se apresentou perfeita em duas vertentes.

Primeiro, a administração municipal, poderia implementar o programa de coleta seletiva no município sem onerosos gastos financeiros, segundo, ainda conseguira ampla divulgação na mídia e até mesmo prêmios por suas realizações de “cunho social”⁹³

E assim se efetivou o Programa de Coleta Seletiva no município, os únicos gastos foram a construção do galpão de triagem, carrinhos para os associados recolherem o material coletado, confecção de uniformes e luvas⁹⁴ um caminhão e a disponibilização de dois funcionários para trabalhar no caminhão. Esse é o apoio que, a todo o momento, é ameaçado pelo poder público de ser cortado, buscando com isso subjugar os catadores a seus “conselhos”.

Pois, com a quantidade de catadores que se encontravam no Lixão, assim como os trabalhadores ressaltados por Angelotti que foram coagidos a se cooperarem pressionados a se associar na ASCAMARA,⁹⁵ e mais um caminhão para fazer o recolhimento desse material nos grandes geradores. A coleta seletiva estava garantida e mediante as exigências da FEAM.

Dessa forma, a administração municipal tinha estrutura suficiente para efetivar um projeto de coleta seletiva, ter trabalhadores para fazer esse serviço, mas sem os

⁹³ O prefeito de Araguari recebeu em Belo Horizonte o Diploma da UNICEF em 21/08/01 por suas realizações de reinserção social dos catadores de reciclável que trabalhavam no Lixão municipal. Arquivo da Secretaria do Meio Ambiente/PM Araguari-MG.

⁹⁴ Quanto aos uniformes, segundo afirmam os associados, só receberam uma vez, posteriormente foi pago com o dinheiro dos catadores. E agora eles estão sem uniforme, luvas eles compram por causa do perigo de ocorrer alguma infecção por causa do manuseio com material que pode ter algo perigoso, muitas pessoas colocam nos sacos objetos cortantes e outros dejetos.

⁹⁵ Era a única saída que eles tinham caso quisessem trabalhar com o reciclável. Pois, no Lixão não podia mais porque a Secretaria do Meio Ambiente ia fazer o Aterro Sanitário. E caso quem insistisse a polícia estava lá a postos para prender. Isso é relatado por todos os catadores que trabalharam no Lixão: Roberto, Marilda, Maria.

onerosos gastos com funcionários. E, claro, mediante o “apoio” concedido aos associados, os órgãos do poder público passaram a ditar as regras dentro da associação.

Assim, se explica a busca do poder público em persuadir os autônomos a se associarem. Certamente, dessa maneira, ficaria mais fácil exercer o controle sobre eles, principalmente sobre os seus horários, tendo por objetivo aumentar a produção de coleta de material reciclável. Fazendo com que o município não descumpra as diretrizes da FEAM exigidas no Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos diminuindo significativamente a remessa desses resíduos sólidos recicláveis para o Aterro Sanitário, garantindo uma maior vida útil ao mesmo.⁹⁶

Ou seja, associados, os catadores estão presos ao poder público, terão que cumprir determinadas metas e obrigações. Afinal até o galpão de triagem é de posse da Prefeitura, ele não foi doado aos catadores, isso evidentemente é uma forma de controlá-los. Mas isso não nega o fato de que esses sujeitos buscam formas de burlar algumas imposições, os catadores nos anos de 2002, 2003 e 2004 e 2005 foram “convocados” para trabalharem no mutirão de limpeza feito na cidade pela Equipe do Controle da Dengue, mas no último ano isso não aconteceu, pois, segundo os funcionários do Controle da dengue eles não faziam nada: “Eles ficavam lá fazendo corpo mole enquanto nós trabalhávamos esse povo da ASCAMARA não adianta convocar.”⁹⁷ O que fica evidente aqui é uma forma de resistência desses sujeitos, eles não podem negar um “pedido” da Prefeitura, pois é o poder público que detem a estrutura física que eles precisam para o funcionamento da Associação, assim eles vão, mas empreendem uma resistência silenciosa, que na verdade acaba sendo mais eficaz do que caso eles se negassem a ir, porque assim eles garantem a manutenção do apoio que precisam e não são mais sujeitos a esse tipo de exploração.

Quanto a essa questão de ser associado ou não, ficam colocadas três indagações acerca dos catadores, porque alguns associados mesmo inconformados com a dominação exercida pelo poder público não deixaram a associação? Porque nem todos os catadores da cidade quiseram se associar? Ou Porque alguns associados, que outrora

⁹⁶ GOMIDES, Clécio Eustáquio; GONÇALVES, Scheilla Samartini. *Cartilha de Orientações técnicas para atendimento ao artigo 2º da deliberação normativa 52/2001 do Conselho Estadual de Política Ambiental*. Feam (Fundação Estadual do Meio Ambiente). Abril 2005.

⁹⁷ Essa fala é resultado de uma conversa informal com um supervisor de turma da Equipe do Controle da Dengue. Claudimir Lourenço Rosa em 12/02/07.

trabalharam no Lixão e ajudaram a fundar a associação, agora trabalham por conta própria?

Quanto a primeira questão, a fala dos associados deixa claro que o motivo de não deixar a associação é devido a estrutura que eles tem ali, assim como a pressão do poder público para com os particulares é muito grande, a esse respeito Dona Maria de Fátima Silva disse:

Particular é difícil tem que ter carrinho, lugar de por os materiais. E hoje em dia esses negócio da Sucam (controle da dengue) né não pode ter material nas casa, qualquer coisa eles vão lá e falam que não pode deixar. Lá em casa eles já pegaram no meu pé, já pegou muito.⁹⁸

Sua fala coloca indícios que, apesar de na Associação eles se sentirem coibidos a seguir algumas regras e são explorados pelo poder público para realização de alguns serviços, eles tem noção de que se deixarem a Associação, como eles não têm condições financeiras para montar toda uma estrutura de trabalho, a situação irá complicar, pois, como disse Dona Maria ela não tem carrinho tampouco espaço físico, teria que deixar o seu material no quintal, e ainda conviver com a pressão da fiscalização municipal.

O que fica colocado com essa reflexão é que para esses trabalhadores, seja particular ou associado, a árdua condição de sobrevivência é imperativa, pois se são associados têm acesso a uma estrutura que lhes possibilita um maior ganho, espaço físico para guardar o material, instrumentos necessários como a balança e a prensa, caminhão para buscar nos grandes geradores, mas por outro lado são obrigados a fazer prestação de favores ao poder público, se for particular, apesar de vislumbrar certa autonomia em seu serviço, o exercício do mesmo é muito mais penoso e de menor rentabilidade, ele não tem espaço físico, por isso faz uso dos quintais, sem uma balança estão sujeitos a pesagem feita pelo comprador do material.

No caso da segunda questão, mediante a fala dos entrevistados, está claro que o principal motivo para que eles não se associassem é quanto à questão de toda a rigidez de horário, isso fica subentendido na fala do Sr. Camargo, quando eu lhe perguntei por que ele não quis se associar a ASCAMARA: “Não, pra mim não dá resultado não.”

⁹⁸ Maria de Fátima Silva, entrevista gravada em 28/11/06 na sede da Associação.

A resposta do Sr. Camargo parece não dizer nada sobre as imposições de horário exigido na ASCAMARA, mas mediante o que foi dito por ele no decorrer da entrevista sobre não sair todos os dias para realizar o trabalho e tampouco ter ponto definido por bairros ou ruas, denota que o motivo de não querer se associar é a rigidez imposta na associação e isso o Sr. Camargo deixou claro que não queria para ele. Pois, ele tem outras atividades que lhes são importantes e das quais ele não abre mão, tais como jogo de futebol e a sua grande paixão, que é a Folia de Reis.⁹⁹

Sobre essa opção de preservar o modo de vida ao invés de melhorar a condição financeira, que apesar de ele ser aposentado e ter residência própria, necessita de ajuda para complementar a renda, é o que E Thompson¹⁰⁰ analisa sobre os trabalhadores ingleses no século XVIII, mais especificamente como se efetivou a formação da classe operária inglesa, em que medida os costumes e o modo de vida desses sujeitos influenciaram esses trabalhadores em suas formas de resistência:

(...) as injustiças sofridas pelos trabalhadores com as mudanças ocorridas no caráter da exploração capitalista são acima de tudo a perda da independência do trabalhador, a disciplina, as horas e as condições de trabalho. (...) As questões que provocaram maior intensidade de envolvimento foram aquelas em que alguns valores, tais como costumes tradicionais "justiça", independência, segurança ou economia familiar, estavam em risco, ao invés da simples questão do "pão com manteiga".

Da mesma forma como dissera o Sr. Camargo, os demais catadores particulares, o Sr. Osvaldo Ribeiro, Salvador do Patrocínio, Maria de Fátima Silva Santos, afirmaram ser esse o motivo pela não inserção na ASCAMARA. O caso de Dona Maria de Fátima Santos tem uma particularidade, sob o seu ponto de vista a questão do horário rígido, é prejudicial também aos afazeres de casa e a rotina de levar a criança para a escola e trabalhando por conta própria, pode sair bem cedo coletar o material e voltar para casa, cuidar dos trabalhos domésticos e do menino.

⁹⁹ No dia em que eu fiz essa entrevista a seleção brasileira de futebol iria jogar um amistoso, por esse motivo o Sr. Camargo naquela tarde não iria sair para buscar o material, deixou para o outro dia, pois ele tinha que assistir ao jogo em sua televisão de 29 polegadas que havia acabado de comprar, ele fez questão de me contar isso com uma expressão triunfante de um sonho realizado. Quanto a Folia de Reis esta marca presença na sala do Sr. Camargo, há um quadro com os três reis magos e fotos dos foliões fazem a decoração da sua casa e a todo momento durante a entrevista ele buscou marcar a importância que essa prática a representa em sua vida. É interessante que o cenário presente na casa do Sr. Camargo denota um sincretismo quanto aos momentos de lazer vividos por esses sujeitos, uma mistura de campo e cidade.

¹⁰⁰ THOMPSON, Edward P. *A formação da Classe Operária inglesa*, 2^o Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Já o Roberto e o Sr. Pedro, nesse ponto diferem-se dos demais, o Sr. Pedro quando eu lhe perguntei por que ele não procurou a ASCAMARA ele disse: “Arrasta aquela carroça é pesada, não dou conta de arrastar ela o dia inteiro. Ali é até bom, não é ruim não. Mas arrastar aquela carroça o dia inteiro num agüento não”.¹⁰¹

A fala do Sr. Pedro elucida novamente a questão das regras impostas, (já ressaltadas anteriormente) aos associados, pois, se o Sr. Pedro não tem condições de saúde de arrastar um carrinho ele poderia ser um associado e trabalhar com sua carroça, mas as regras não permitem que isso aconteça.

A situação de Roberto é o grande diferencial e responde à terceira questão, ele é dissidente da Associação, começou no Lixão junto com os demais que participaram da criação da ASCAMARA, mas em 2005, acabou deixando a associação devido a várias insatisfações.

Esse foi um ponto curioso na fala de Roberto, quando eu lhe perguntei o porquê deixara a associação, ele gastou meia hora para explicar o que aconteceu, o interessante é que essa passagem poderia ter sido descrita em alguns minutos, como ela é um marco em sua vida, carregado de fortes emoções, pois, ao longo da entrevista ele sempre voltava a essa questão. Isso é o que Portelli¹⁰² chama de perspectiva ou distância que definem a posição do narrador diante do fato narrado.

Um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios. Essas oscilações são significativas, embora não possamos estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser uma estratégia para desviar a atenção de outros pontos mais delicados.

Segundo afirmou, ele ganhou umas latinhas de alumínio de uma senhora e foi acusado de ter roubado a Associação, com essa acusação, ele brigou com a gerente, a Marilda e a acusou de ter levado para sua casa umas placas de alumínio e uns quadros de bicicleta:

¹⁰¹ Entrevista gravada em 29/04/06.

¹⁰² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Cultura e Representação. Projeto História*, São Paulo: EDUC, nº 14, pág. 25-39, fev. 1997.

*Eu peguei e marretei ela, e as panelas que você sempre levou pra sua casa, umas 8 a 10 panelas, num é reciclável não? Você não ganhou não foi na rua? (Marilda) Foi a mulher que deu pra mim. Ai eu falei então. As latinhas foram dadas pra mim também.*¹⁰³

Essa fala, que traz um embate entre dois catadores, possibilita enxergarmos conflitos existentes entre eles, o que reflete a questão da disputa por material. Esse fato já ocorria antes da Associação, quando eles trabalhavam no Lixão, mesmo o espaço sendo amplo e o material abundante, sempre acontecia algum tipo de desavença. Isso é relatado pelo próprio Roberto. “Briga saía quase todo dia lá, até tiro saiu um dia.”

Mas, voltando à saída do Roberto da Associação, ele afirma que saiu porque quis, não foi expulso, segundo o seu relato, houve a Assembléia da Associação e ele denunciou a Marilda para as duas representantes do poder público que participam de todas as decisões da associação,¹⁰⁴ e o que acontecera foi o seguinte:

*A Cida (representante da Ação Social) falou: Marilda eu sinto muito, mas se o Roberto sair por sua boca, você também vai sair por boca dele. (...) eu levei a Cida até a casa da Marilda e mostrei pra ela os quadros de bicicleta, devia ter uns 20 lá, aquilo era prejuízo para a associação. Mas aí eu quis sair. A Cida me disse: Qualquer dia, qualquer hora que você quiser voltar pra cá você pode vir. Ai eu falei: Acontece Cida que eu prefiro morrer de fome a voltar pro barracão.*¹⁰⁵

Entretanto, essa afirmação de Roberto, contraria o que está registrado em Ata da associação do dia 29/03/05, onde é relatado que Roberto foi expulso por furto de alumínio, mas sua assinatura não está na Ata, logo se entende que ele não estava presente. Isso me faz buscar em Samuel Raphael¹⁰⁶ a sua reflexão acerca do quanto é importante toda uma variedade documental, pois, isso possibilita confrontar diferentes versões acerca de um determinado fato.

Isso evidencia que cada discurso é produzido de acordo com o local de onde ele se origina, essa contradição entre a fala de Roberto e o que está registrado em Ata,

¹⁰³ Roberto Pereira Santos. entrevista realizada em sua residência no dia 13/12/05.

¹⁰⁴ Essas duas representantes do poder público são funcionárias das Secretarias do Meio Ambiente, Nayara Florêncio e a da Ação Social a Maria Aparecida Viveiros.

¹⁰⁵ Entrevista gravada em 13/12/05.

¹⁰⁶ SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n.º 19. ANPUH/Marco Zero. Set/1989/Fev/1990. pág. 219-243.

elucida uma questão importante, em ambos os casos são sujeitos alijados das condições mínimas de uma vida digna e tiveram que buscar no Lixão o seu sustento, contudo esse fato não os coloca acima do bem e do mal e tão pouco como pobres coitados. Na verdade eles são homens e mulheres que defendem suas posições, cada um apresentando sua versão. A diferença é que o ponto de vista da Marilda está registrado em um documento escrito que está ao alcance de quem o quiser, já o do Roberto não, esse só mediante sua fala. Por isso é importante e mesmo imprescindível à fonte oral, pois, caso contrário, se eu me pautasse apenas pela versão desse fato que foi encontrado em documento escrito pertencente à Associação, Roberto ficaria na condição de ladrão.

107

Mas, o motivo do Roberto ter deixado a associação não foi por causa desse episódio. Ele já estava insatisfeito com a rigidez do horário, se um dia estivesse cansado e sem disposição, mesmo assim tinha que ir trabalhar porque se não fosse perderia aquele dia. Quando eu lhe perguntei como é o trabalho fora da associação ele disse:

É muito melhor, porque eu pego minha carrocinha (anexada à bicicleta) saio para a rua, a hora que eu quero, busco o material, busco a mesma coisa. Bato porta a porta, a mesma coisa do que eu trabalhava lá dentro. Pego o material e trago, se eu quiser arrumar eu arrumo, se eu não quiser deixo pro outro dia. Tô nem aí, tá aqui na horta, é meu já.¹⁰⁸

Nesse depoimento ficam evidentes duas questões importantes, primeiro, agora ele faz o seu tempo, sai para a coleta e separa o material quando quer, não obedece mais às regras impostas como era na associação, quando ele fala que bate porta a porta, a mesma coisa quando trabalhava na associação, isso evidencia que ele manteve o seu ponto e os locais onde ele percorria quando estava na associação.

Isso logo o leva a um conflito direto com os associados, respondendo a segunda questão, pois esse ponto já era da associação e agora ele saiu da associação e continua catando nos mesmos lugares, condicionando prejuízo para a associação e o embate entre eles:

¹⁰⁷ Mas mediante outra fonte oral a fala de Roberto foi confirmada. Em uma entrevista a mim concedida Maria Aparecida Viveiros a diretora do PTS (Projeto de Trabalho Social) confirma a versão de Roberto. “Eu não queria que ele deixasse a associação por causa da briga com a Marilda, mas ele foi irredutível” 30/11/06.

¹⁰⁸ Entrevista gravada na residência de Roberto Pereira Santos em 13/12/05.

A Marilda saiu nas ruas que eu faço e falou que eu tinha saído que agora a rua era deles. Mas não adiantou eles não entrega pra ela. Ai a Marilda acha ruim. o povo não dar material para eles. Ai eu falo: Marilda essa rua é minha desde que eu comecei na associação, eu que faço ela, quer dizer que ninguém vai dar pra vocês não.¹⁰⁹

Dessa forma, fica evidente uma disputa em busca do material, onde os catadores demarcam os seus territórios e os seus espaços na cidade, essa disputa por territorialidade está presente na fala do Sr. Camargo: “Aqui tem um catador que ninguém gosta dele não. Eu já discuti com ele, ele não quer que a gente catar diz que a rua é dele. Mas isso tá errado tem espaço pra todo mundo né?”¹¹⁰

O depoimento do Sr. Camargo denota dois pontos contraditórios das relações estabelecidas entre esses sujeitos, primeiro as disputas, quando ele fala do catador que não quer dividir com os outros, mas ele ressalta também um outro ponto que é a solidariedade, sobre essa última podemos perceber na relação entre ele e o Sr. Salvador. Em seu relato, Sr. Camargo afirma: “O Salvador é quem disse para eu vender o material, sempre que eu tinha alguma coisa eu dava pra ele, aí ele me deu aquele carrinho ali para eu catar e vender. Ai eu comecei e tô até hoje nisso aí”.¹¹¹

O Sr. Salvador ganhava o material do Sr. Camargo, mas sabendo das necessidades financeiras do amigo e vizinho para complementar sua aposentadoria, ele não apenas o aconselhou a trabalhar com o reciclável, mas também lhe forneceu o meio para isso, o carrinho.

Essa questão está evidente entre outros catadores, é presente mesmo no espaço do Lixão a solidariedade entre esses sujeitos, Roberto foi para o Lixão porque dois colegas que viram que ele estava desempregado, o chamaram para ir com eles.

Existia o Mauricio e a Cláudia, eu morava ali em cima, ele falou pra mim assim: Roberto porque você não vai para o Lixão? Eu falei: É mole pra nós, eu vô. Pode ir? Ai o Mauricio respondeu: Pode lá qualquer um pode entrar, falou a Cláudia.¹¹²

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Entrevista realizada na residência do Sr. Camargo em 15/11/06.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Entrevista realizada na residência de Roberto em 13/12/05.

Mas, esses mesmos que o ajudaram posteriormente se tornaram desafetos de Roberto, pois sendo o Maurício irmão da Marilda, que na época já era a gerente e a Cláudia a tesoureira, logo eles se tornaram detestáveis aos olhos do Roberto, constituindo o que ele chamava de “a patotinha da Marilda que se achava a dona da ASCAMARA.”. Isso evidencia mais uma particularidade constituinte das relações construídas por esses sujeitos no espaço do trabalho, sendo dessa forma, o local de trabalho onde muitos relacionamentos se iniciam ou se acabam, laços de amizade são ratificados ou fenecem.¹¹³

Assim, fica evidente que existe toda uma contraditoriedade nas relações construídas no cotidiano desses sujeitos, mediadas por interesses e sentimentos, ora de disputas ora de solidariedade, essa ambigüidade nas relações entre esses trabalhadores, refletem o que Antônio Almeida¹¹⁴ chamou de pluridimensional:

Nesse sentido, os espaços do trabalhador devem ser compreendidos como pluridimensionais que tanto apresentam traços visivelmente identificáveis, bem como transcendendo o plano da materialidade, podem se expressar também como campo das subjetividades (...)

Ao lado dessa relação contraditória, pautada entre a rivalidade e a solidariedade, construída por esses sujeitos, uma outra questão é também recorrente, são as variadas formas de resistências construídas por eles quanto a (somado a resistência contra as investidas do poder público) exploração dos empresários e as humilhações e discriminação constituintes de uma violência moral, que são rotineiras em seu cotidiano.

A exploração que esses sujeitos sofrem é aumentada devido ao grande número de catadores espalhados pela cidade, isso evidencia que exista hoje uma maior oferta de material reciclável no mercado, com isso ocorre logicamente, obedecendo a uma das premissas do capitalismo, a lei da oferta e procura. Ou seja, se há grande oferta do produto no mercado, o comprador impõe o seu preço, que claro é o menor possível,¹¹⁵ ficando evidente a exploração dos empresários para com os catadores, sobre

¹¹³ ANGELOTTI, Maria Andréia do Carmo. *Lavradores de Sonhos: saberes e (des) caminhos de trabalhadores volantes 1980-2000*. Editora PUC. São Paulo, 2006.

¹¹⁴ Cf. Idem.

¹¹⁵ Em relação as facetas que os empresários empreendem buscando levar vantagem na compra do material, um ponto que não fora citado por eles em seus depoimentos foi encontrado registrado em Ata da associação, que diz: “Associados reclamam que a pesagem do comprador é diferente” Ata de reunião da Associação, 25/10/05

a queda do preço do material a fala dos catadores é bem elucidativa, o Sr. Pedro e a Marilda afirmam que a queda foi muito grande e o prejuízo para eles também:

No começo em 2002 quando eu comecei eu tirava na faixa de uns 400 reais por mês, hoje se eu tirar uns 150 é muito, não tiro nem isso. O preço caiu demais.¹¹⁶

Esse ano o ganho está ruim, ano passado a Pet (garrafa de refrigerante) chegou até 1,10 o kg, esse ano ela está a 0,60 centavos, chegamos a vender até a 0,25 centavos. Eles falaram que o preço caiu por causa do dólar, mas não sei não.¹¹⁷

Já no caso das humilhações e discriminação, esses sujeitos buscam evitar desgastes emocionais traçando as suas estratégias, uma particularidade é recorrente em praticamente todos os depoimentos, a maioria prefere não trabalhar no centro da cidade, pois estar lá é correr risco de ser insultado, assim como os problemas como o trânsito que no centro é mais intenso e não deixa espaço para os catadores com suas carroças anexadas a bicicletas.¹¹⁸ E estando expostos aos olhares dos transeuntes, que na maioria das vezes os olha ora com pena, outros com desprezo, medo e até nojo¹¹⁹. A fala de Vanessa Manuelli confirma esse fato:

(...) a gente entrava nas lojas e eles já gritava: não tem não. O povo tudo olhava com aquela cara de nojo. Portanto aí falei: no centro eu não vou não. Não é só porque a gente precisa que tem que humilhar não. Humilhação é as pessoas ver que a gente precisa e ter que implorar, porque se não precisasse não empurraria uma carroça pesada, não mexia nesse trem que vem até lixo hospitalar.¹²⁰

Esse depoimento está carregado de sentimentos, dotado de uma grande indignação devido ao desrespeito e preconceito que algumas pessoas nutrem em relação

¹¹⁶ Entrevista gravada na residência do Sr. Pedro em 29/04/06.

¹¹⁷ Entrevista gravada na sede da Associação com Marilda de Fátima Balbino em 28/11/06.

¹¹⁸ Cenas de irritação por parte dos motoristas gritando com os catadores são comuns no centro da cidade.

¹¹⁹ Mas essa reação preconceituosa e pejorativa por parte da sociedade tem o seu reverso, se existem essa atitude negativa, também existe uma positiva, pois nos relatos dos catadores eles ressaltam o respeito que as pessoas tem por eles, afirmando que além deles estarem fazendo um trabalho honesto, estão contribuindo para a limpeza da cidade e a preservação ambiental. A esse respeito, em uma conversa informal Dona Josina Maria Duarte Fernandes de 53 anos no dia 15/11/06, disse: "Eu não entendo uma coisa, porque algumas pessoas olham para os catadores com cara de abuso e nojo? Eles não estão fazendo nada de errado, estão trabalhando honestamente, não estão roubando nem matando e nem medingando e também se não fosse eles essa cidade estava uma sujeira."

¹²⁰ Entrevista gravada com Vanessa Manuelli na sede da Associação em 28/11/06.

aos catadores de reciclável. Evitando esse tipo de constrangimento ela afirmara que no centro nunca mais voltaria, essa resistência de evitar ir ao centro da cidade, é semelhante aos demais catadores associados, está presente na Ata de reunião da associação: *“Foi decidido que a coleta no centro da cidade não será feita pelos catadores, pois não rende, isso será feito pelo caminhão.”*¹²¹ Certamente o motivo de não coletar no centro da cidade, não é porque a rentabilidade de material não compense, ao contrário, é no centro da cidade que há toda uma variedade de material devido a concentração comercial.

Contudo, o caminhão só faz os grandes geradores e no centro está limitado a comércios e escolas, e a situação ainda piorou, pois, como é só um caminhão, ele não dá conta de percorrer todo o trajeto no horário comercial e sempre fazia essa coleta a noite, mas agora, a Prefeitura Municipal, com o corte de gastos acabou com as horas-extras dos funcionários e sendo o motorista e seu ajudante funcionários da Prefeitura essa coleta ficou prejudicada: *“Quando as lojas fechavam a gente ia, mas cortaram as horas, a gente parou de ir.”*¹²² Essa questão elucida bem a questão de uma certa dependência da associação para com a Prefeitura, afinal o caminhão não pertence aos associados.

A resistência por parte dos particulares de ir ao centro é também muito grande por causa do preconceito que eles vivenciam, quando eu perguntei a Dona Maria de Fátima Santos como era trabalhar no centro da cidade, ela disse:

*Não, a discriminação é muito maior dos jovens, é mais aqueles adolescentes, sabe aqueles filhinho de papai mesmo. Que passa e fala e faz cara feia: Que nojera! Mexendo em sacola suja. Não tem outra coisa pra fazer não? (pausa e lágrimas) Eu não to nem aí, eu cato sim, eu faço de conta pra eles que não to vendo, eu não ouvi nada. (pausa) E não vi nada, faço de conta que o meu ouvido está tapado.*¹²³

Ao falar sobre essa questão Dona Maria ficou visivelmente emocionada, pois, essas lembranças trazem a tona a violência moral que é vivenciada diariamente por esses sujeitos, mas o interessante é que, mesmo estando visível os seus sentimentos de não aceitar essa discriminação, é evidente que isso lhe fere intensamente.

¹²¹ Ata de reunião da Associação do dia 19/02/03.

¹²² Raimundo Filho 53 anos é funcionário público, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Ele, assim como o seu ajudante no caminhão e uma contadora, todos são funcionários públicos e trabalham diretamente na ASCAMARA. Informações fornecidas em conversa informal no dia, 28/11/06.

¹²³ Entrevista gravada na residência de Dona Maria de Fátima da Silva Santos no dia 13/05/06.

Por isso acredito que, em sua fala, ela faz uma projeção daquilo que queria verdadeiramente estar sentindo naquele momento, quando ela afirma: “*não to nem aí*”, essa questão se coloca. Isso é o que Portelli identificou como a subjetividade do expositor: “*Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que o povo queria fazer o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa em fazer*”.¹²⁴

Posto que, na verdade ela se importava e muito com aquela atitude, que a magoava muito, isso fica evidente quando logo após afirmar que não importava com o que as pessoas falavam, logo em seguida disse que “faz de conta que não está vendo e nem ouvindo”. Ou seja, o “fazer de conta” quer dizer que ela fingia que não ouvia, não via tampouco sentia, mas na realidade, todos esses sentimentos estavam amplamente aguçados.

Como ela mesma afirmou, finge que não vê, não ouve e não sente e continua o seu trabalho, o qual ela defende, firmando ser honesto, por isso não tem porque ficar com vergonha de catar. Ela afirma com toda segurança e orgulho:

*Eu considero que eu estou fazendo uma coisa boa, num tem outro serviço pra fazer né. A gente vai procurar aquilo que, pelo menos à gente não tá roubando, não está matando né. Então a gente vai fazer aquilo que a gente está ganhando, pouco, ou muito, a gente está ganhando.*¹²⁵

Em sua fala, Dona Maria expressa a importância que esses trabalhadores creditam a honestidade, quando afirma que está trabalhando e não roubando de ninguém, busca com isso, firmar a construção da dignidade do catador de reciclável, como sendo um trabalho honesto e não sinônimo de marginalidade.¹²⁶

Essa busca constante na fala de todos os catadores que eu entrevistei, afirmando que o seu trabalho é honesto e não estão roubando nada de ninguém, que são trabalhadores e não marginais, elucida uma questão muito recorrente na sociedade brasileira que é amplamente alimentada pela Imprensa e que acabou se construindo em um estigma que é a relação entre criminalidade e pobreza. A esse respeito, a socióloga

¹²⁴ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Cultura e representação - Projeto história*. São Paulo: EDUC, nº 14, pág. 25-39, fev. 1997.

¹²⁵ Entrevista gravada em 13/05/06.

¹²⁶ Acerca da construção da dignidade, mediante a fala dos catadores, pautada entre a cata do reciclável como sendo um trabalho honesto em oposição a prática marginal do roubo. Ver. VARUSSA, José Rinaldo, op. cit.

e professora da USP, Vera Silva Telles ao investigar sobre a realidade da pobreza entre as classes trabalhadoras urbanas nas grandes cidades brasileiras, afirma:

*A associação entre criminalidade e pobreza é cotidianamente construída não só pela forma como a criminalidade é tratada nos meios de comunicação de massa, mas também e, sobretudo pela prática rotineira da prisão por vadiagem de trabalhadores sem carteira de trabalho assinada; pelas suspeitas que recaem sobre o trabalhador no mercado informal, sempre sujeito a ser confundido com o marginal (...)*¹²⁷

Buscando desmentir essa construção, de marginalização e vadiagem de sua condição de trabalhador informal, os catadores, assim como os demais trabalhadores vitimizados pela miséria e estigmatizados como marginais, evidenciam em suas falas a importância que creditam aos seus valores, aqueles que trazem consigo mediante uma construção costumeira, de trabalhador honesto, ser “bom pagador” e ter “nome na praça.” Afinal, para os trabalhadores que vivem com muita dificuldade financeira, ter o “nome limpo” é muito significativo, isso pode ser garantia de poder comprar a prazo quando precisarem.¹²⁸

No caso dos catadores, eles acabam reelaborando os seus valores anexando a esses um novo valor, que busca justificar a importância do que é ser um catador de material reciclável, visando eliminar a construção preconceituosa de que eles estão “fuçando lixo” pela cidade, construindo um valor para além da sua sobrevivência, sendo útil a sociedade que os discrimina. Para isso eles acabam, como definiu Varussa: “(...) se apropriando dos argumentos lançados por outros grupos, na busca de redimensionamento social da atividade.”

Isso pode ser observado mediante a fala dos próprios catadores, quando lhes foi perguntado sobre como eles definiam o que é ser um catador de reciclável, foram unânimes em afirmar que o trabalho deles era muito importante para a cidade. A esse respeito Marilda disse:

¹²⁷ TELLES, Vera Silva. “A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direito entre as classes trabalhadoras urbanas”. In: *São Paulo em perspectiva*, vol. 4, nº 2, abr./jun. 1990.

¹²⁸ Quem elucida acerca da construção desses valores é: ANGELOTTI, Maria Andréia. *Lavradores de Sonhos: saberes e (des) caminhos de trabalhadores volantes 1980-2000*. Editora PUC, 2006.

*Na cidade você andava era material jogado pra tudo quanto é lugar. E agora a gente passa já não vê isso, porque a gente cata. Então a gente tá limpando, ajudando a limpar a cidade. E reciclar preserva o ambiente também não é?*¹²⁹

Nesse depoimento, Marilda traz elementos que justificam o seu trabalho, sendo mesmo imprescindível para a limpeza da cidade, isso na verdade é uma incorporação de discursos quanto à necessidade da reciclagem devido a necessidade de preservação do meio ambiente, são anexados pelos catadores visando creditar valor à sua profissão, para a dinâmica da cidade em termos de limpeza e preservação ambiental, assim como um trabalho digno e honesto.¹³⁰ Creio que seja essa a maior resistência desses sujeitos, creditar valor utilitário, ao ofício dos catadores, para a dinâmica da sociedade.

Ainda em relação ao campo de valores desses trabalhadores, três questões assumem grande importância em suas vidas; moradia, saúde e educação, a moradia assume a primazia em termos de garantir pelo menos um porto seguro para esses sujeitos nos tempos mais críticos decorrentes das mazelas do sistema econômico. A esse respeito o sociólogo Lúcio Kowarick, que analisa o desmanche das condições de vida urbana dos trabalhadores a partir da década de 1970, afirma:

(...) as famílias residentes em casas próprias resistem melhor às crises oriundas de doenças, acidentes no trabalho, desemprego ou à condição de velhice, o que na situação de aluguel pode representar verdadeira catástrofe pessoal (...)

Embora o autor se refira à cidade de São Paulo, essa questão é um dos principais problemas da maioria dos trabalhadores brasileiros e no caso dos catadores de reciclável não é diferente, a moradia constitui um dos principais indícios de pauperização da população. A realidade vivenciada pelo Sr. Pedro elucida bem esse fato, ele mora em uma casa.¹³¹ cedida pela proprietária. Sobre essa condição ele disse:

¹²⁹ Entrevista realizada na sede da associação no dia 28/11/06.

¹³⁰ Esse discurso é originário dos panfletos criados pela Secretaria do Meio Ambiente, na campanha para que a população viesse a separar o material reciclável para a coleta dos catadores. "Ao separar você estará colaborando com a preservação do meio ambiente e a geração de renda com dignidade". Panfleto: Dona Maria e Sr. João, sou catador, sou cidadão. Confeccionado pela equipe da Secretaria do Meio Ambiente em 2002.

¹³¹ A casa a qual eu me refiro, na verdade é um lugar insalubre tem dois combados, um serve de sala e cozinha, o outro de quarto para 6 pessoas. O telhado é muito baixo e de telha Eternit, por isso é extremamente quente, o chão é de terra batida.

Eu moro nela é de favor, o que eu ganho mal dá para comer. Ela (dona da casa) ia me despejar porque eu não podia pagar o aluguel. Fui lá e conversei com a mulher aí ela me falou: eu vou dar uma ajuda para você, pode ficar lá até dezembro sem pagar.

A partir do depoimento, fica evidente que a situação do Sr. Pedro, é extremamente precária, além de estar doente e não conseguir se aposentar tem que viver da cata do reciclável, mas, trabalhar com reciclável não é tão bom como era quando ele começou em 2002, hoje aumentou muito o número de catadores na cidade.

Diante dessa instabilidade, se ele tivesse sua casa própria isso já lhe garantiria pelo menos um teto para ele e sua família, e o que ele conseguisse arrecadar com a venda do material coletado, ou fazendo algum carreto, que porventura aparecesse, garantiria pelo menos a alimentação básica de sua família.

Em sua fala, ele disse que às vezes aparece algum carreto para fazer, isso serve de ajuda na alimentação de sua família, quando falo alimentação, não estou me referindo ao mínimo básico para a nutrição de um organismo, mas sim o básico para não se morrer de fome, ou incorrer em desnutrição. Pois, penso eu que, mesmo quando a renda do Sr. Pedro era um pouco melhor, quando ele começou com a venda do reciclável em 2002, ele não conseguia manter sua família com a alimentação necessária para ele e sua filha e tampouco para o desenvolvimento das quatro crianças que moram com ele.

Mas no caso do Sr. Pedro a existência desse teto é muito instável, como ele mesmo afirma, quando foi conversar com a proprietária, informando que não tinha condições de pagar o aluguel, ela disse que o deixaria ficar lá até dezembro, assim ficou estabelecido um prazo de teto seguro para ele e sua família.

A projeção em busca desse teto seguro, ele expressa com muita esperança, no decorrer da entrevista sempre falava que tem um terreno no bairro Vieno,¹³² mas até hoje não conseguiu nem ao menos começar a construção porque nunca sobra dinheiro para isso, ele traz em sua fala uma certeza de que terá sua casa e que tudo será melhor:

¹³² Ele está localizado nos limites da cidade, no extremo da periferia de Araguari, sem energia elétrica ou rede de esgoto. Por esse motivo o preço de imóvel (geralmente terrenos, pois casas nesse bairro são muito escassas) é muito abaixo da média devido à especulação imobiliária. Acerca de especulação imobiliária ver mais em: KOWARICK, Lúcio, op. cit

Os Vicentinos (grupo religioso da Igreja católica) vão me ajudar a fazer um barraco no terreno meu, eles vão me fornecer os materiais. Agora estou esperando eles (vicentinos) me ajudar a passar para lá. Os materiais são caros demais. Estou pelejando para ligar a água lá. Estou aí esperando pra ver o que vai acontecer.

Dessa forma, o Sr. Pedro está na dependência da ajuda de terceiros, seja quanto ao fato de não ter condições de pagar o aluguel, ou referente a ajuda dos Vicentinos com uma cesta básica todo mês e na construção da sua casa, ou “barraco” como ele definiu.¹³³ Por isso compreendo que essa condição do Sr. Pedro tem seu paralelo com o que o sociólogo Lúcio Kowarick¹³⁴ definiu acertadamente como sendo uma condição de espoliação urbana e subcidadania, a esse respeito ele disse:

Espoliação urbana é a somatória de extorções que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente ao acesso à terra e à moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho ou, o que é pior, da falta desta. (...) nega o acesso a benefícios básicos para a vida nas cidades. Trata-se de um processo político que produz uma concepção estreita e excludente e, ao fazê-lo, decreta uma vasta condição de subcidadania urbana.

Desde que lhe foi negado, apesar de todas as provas de seu problema de saúde, o direito a aposentadoria e tampouco é possível, devido à precariedade financeira, realizar um tratamento médico adequado, pois esperar pela saúde pública é na verdade uma somatória de desrespeito, indignação e humilhação.¹³⁵ E até mesmo colocar alimento

¹³³ A relação desses sujeitos com a religiosidade é ambígua, no caso do Sr. Pedro, em seu relato, afirma que teve várias decepções religiosas, uns só queriam saber de dinheiro, se ele não podia pagar o dízimo ele não servia, outros chegaram a falar para ele que quando conseguisse se aposentar e poder se vestir bem era para procurá-los, sobre isso ele disse: “Minha religião é Deus, a religião hoje tá virando é comércio, só querem saber é de dinheiro”. Mas o interessante é que esse grupo, os Vicentinos, que apoiam o Sr. Pedro é de ordem religiosa, assim o que fica evidente é um diverso campo de interesses que permeia o mundo da religiosidade. Contudo, mesmo não tendo uma religião definida, talvez mediante as várias decepções, o que é recorrente nesses sujeitos não apenas o Sr. Pedro, mas os demais entrevistados, é que eles são marcados pela fé, a crença em Deus, isso certamente é marca de sua cultura, mas também pode ser uma forma de resistir as dificuldades que vivenciam cotidianamente, pois tendo a certeza de um Deus e da sua proteção de um “pai provedor”, os faz serem perseverante para enfrentarem as agruras do seu dia-a-dia, seja em relação ao árduo trabalho que realizam, ou quanto as dificuldades inerentes de sua precária condição de vida.

¹³⁴ KOWARICK, Lúcio. op. cit.

¹³⁵ Em relação ao nível de qualidade da saúde pública todos os catadores entrevistados afirmam ser uma humilhação e perda de tempo procurar um posto de saúde, pois além de ter que passar a noite na porta do estabelecimento para não perder a vaga, quando consegue uma consulta aparecem outros dois obstáculos: 1) a maioria dos médicos, nem ao menos olham para a pessoa que se encontra na sua frente, em menos de 3 minutos lhe entrega a receita e manda entrar o próximo; 2) quando é pedido algum exame, só cosegue

dentro de casa já é uma dificuldade, completando esse quadro, fica evidente, na fala do Sr. Pedro que, ao invés do Estado que deveria cumprir o seu papel, são outros trabalhadores que acabam por assumir o sustento, ou uma ajuda aqueles que estão em piores condições.¹³⁶

Nesse contexto, creio que a definição de Lúcio Kowarick, quanto à miséria urbana vivenciada pelos trabalhadores nos grandes centros urbanos, tem sua relevância entre os catadores de material reciclável de Araguari, assim como a importância da moradia na condição de um “porto seguro,” sendo mesmo certa tranquilidade.

Essa valorização quanto à casa própria está presente também na fala de outros catadores, no entanto percebem-se algumas particularidades em relação ao Sr. Pedro. Esse é o caso do Sr. Camargo e de Dona Maria.

No caso do Sr. Camargo, sendo ele um migrante do campo, a relação que estabelecesse em sua fala quanto a importância da moradia na vida desses trabalhadores, é dotada de uma duplicidade, ao relatar a sua história de vida, a primeira colocação que ele faz em relação a moradia. O objetivo, quando ele morava no campo era a aquisição de um “pedaço de terra”, para não ficar mais na dependência das “colocações nas fazendas,¹³⁷” a esse respeito ele afirma:

Aí a falta de colocação né, quem não tem terra, vive na terra dos outros, não para mesmo. Aqui eu estou parado tem uns, desde 1998. E quem não tem casa é duro né. Mas Deus me ajudou e eu consegui comprar minha casinha.¹³⁸

Em sua fala fica evidente que o homem do campo tem como valor e noção de propriedade, a aquisição de um pedaço de terra, pois, isso significaria se não a garantia

marcar o mesmo para no mínimo um mês depois. Isso é retratado por eles como humilhante e abusivo por parte do Estado. Nesse contexto podemos refletir esse problema a luz da fala do Sr. Pedro, quando fala sobre a sua doença que o impossibilita de trabalhar de carpinteiro: “Se os políticos liberassem um tratamento pra gente tratar e voltar a trabalhar eu estava muito mais feliz agora, não tinha arrebitado tanto (a sua saúde) como eu arrebitiei.”

¹³⁶ Ao falar dessa sua realidade ele se emociona e faz um desabafo afirmando que no Brasil não existe pobre, mas sim escravo, essa expressão do Sr. Pedro pode ser observada ao longo de sua fala, sempre que ele se refere a condição precária que ele e a maioria dos brasileiros, se encontram, principalmente quando o assunto é saúde pública, moradia, emprego e claro alimentação.

¹³⁷ Sobre as constantes mudanças de fazenda para fazenda, não está presente apenas na fala do Sr. Camargo, mas na de todos que são migrantes do campo. Assim como lhes é comum o desejo que eles tinham, ou os seus pais, de não terem uma vida tão errante.

¹³⁸ Entrevista realizada em 15/11/06.

de uma total tranquilidade, mas pelo menos a possibilidade de resistir as dificuldades econômicas sem precisar estar sempre se deslocando.

Ao lado disso, no decorrer de seu depoimento ele mistura as duas temporalidades e acaba por falar sobre o valor que representa a aquisição da moradia sob a ótica do homem urbano, a casa própria, analisando essa relação que ele faz entre seu passado e o presente percebe-se que busca relacionar esses dois momentos, mostrando o valor que representa a moradia na vida desses sujeitos.

Quando ele diz que está ali desde 1998, acaba por fazer um marco divisório em sua vida, antes, ainda no campo ele vivia se mudando com os seus pais por falta de colocação. Posteriormente, já na cidade pagava aluguel, estando sujeito a constantes mudanças, mas essa vivência errante não faz mais parte da realidade do Sr Camargo, pois ele comprou sua casa, ao falar sobre isso ele expressa um orgulho e agradecimento a Deus¹³⁹. Pois assim ele vivencia uma maior tranquilidade financeira porque além de ser aposentado não precisa se preocupar com despesas com aluguel: “Eu trabalho com o reciclável só para ajudar nas despesas né, eu sou aposentado e não preciso me preocupar com aluguel, essa casinha aqui é minha. Não tenho com que me preocupar”.

Quando ele fala que não precisa se preocupar podemos compreender o quanto a aquisição da moradia é importante para os trabalhadores, representa um porto seguro, o local para onde eles podem sempre voltar sem o risco de serem expulsos, onde mesmo mediante as dificuldades financeira esses sujeitos, não tendo o compromisso de pagar o aluguel,¹⁴⁰ conseguem resistir e sobreviver.

E assim como a moradia é importante para a sobrevivência física desses sujeitos, ela é fundamental na constituição cultural dos mesmos, possibilitando aos mesmos um maior enraizamento e preservação dos seus hábitos e costumes.

A Dona Maria, assim como o Sr. Pedro, já tinha um terreno no bairro Independência, localizado na região periférica da cidade, mas ao contrário do Sr. Pedro,

¹³⁹ O Sr. Camargo quando se refere em religião, acaba por assumir uma posição passiva e conformista em relação as desigualdades sociais, afirmando que essas são determinadas por Deus. “Deus não podia colocar todo mundo igual mesmo não, se não como ia ser se todo mundo fosse rico, quem é que ia trabalhar”.

¹⁴⁰ ANGELOTTI, Maria Andréia do Carmo. *Lavradores de Sonhos: saberes e (des) caminhos de trabalhadores volantes 1980 – 2000*. Editora PUC. São Paulo, 2006.

ela com ajuda dos vizinhos e amigos, conseguiram construir sua casa. Quando ela fala sobre isso fica emocionada e expressa que esse foi um momento de vitória, verdadeiramente um marco em sua vida:

Nós compramos o terreno com dinheiro do acerto do meu marido na fazenda onde nós morávamos. Quem ajudou com a Escritura (pagar as despesas) foi a Dr. Ana Lúcia lá do Hospital Santo Antônio, ela era patroa da minha filha. Porque nós nessa época não tinha nada. Ai nós lutamos trabalhando até construir nossa casa, (com mutirões dos vizinhos) é simples, mas ela é nossa né.

O relato de Dona Maria coloca que adquirir a casa própria não foi uma tarefa fácil, na verdade é fruto tanto da solidariedade das pessoas, (como no caso do Sr. Pedro em relação à dona da casa e aos vicentinos) como do trabalho diário dela e de toda sua família. Creio que seja aí a diferença entre o fato de Dona Maria ter transformado o seu ideal em realidade, ao passo que Sr. Pedro não, pois na família de Dona Maria todos trabalham fazendo com que a renda familiar aumente, já no caso do Sr. Pedro é ao contrário, o único que produz alguma renda é ele, a sua filha não trabalha e os seus netos são ainda crianças.

Isso mostra o quanto é necessário para uma família de trabalhadores que todos os constituintes desse núcleo familiar trabalhem para que consigam viver com menor dificuldade. Certamente, esse é o motivo de vivenciarmos uma enorme quantidade de crianças trabalhando, constituindo uma realidade que não gostaríamos que existisse, mas, não podemos simplesmente nos armar em discursos demagógicos de erradicação do trabalho infantil. Primeiro se faz necessário pensarmos e agirmos para mudarmos o condicionante dessa situação, que é a extrema desigualdade social que a cada dia aumenta no Brasil.

Pois, é fato, salvo alguns casos de exploração do trabalho infantil, que realmente existem realizado por pais ou outros adultos, certamente um pai e uma mãe não têm prazer em colocar os seus filhos para trabalhar como se fosse um adulto e tampouco gosta que os seus filhos deixem a escola para trabalhar.¹⁴¹

¹⁴¹ O baixo nível escolar brasileiro, na verdade decorre dessa questão de miserabilidade social que assola o país, pois é impossível que as famílias mantenham os seus filhos nas escolas. Essa questão é presente na fala dos catadores, a maioria dos entrevistados não completaram nem ao menos o primário e quando perguntei sobre estudo os relatos convergem para um único ponto: “Parci de estudar porque não pude

No entanto, são situações comuns, mediante a miséria imposta à maioria dos brasileiros que trabalham e não possuem casa própria e no final do mês recebem um salário que não é suficiente nem ao menos para a alimentação de sua família, isso quando não estão desempregados o que está cada vez mais comum na realidade da classe trabalhadora brasileira. Assim, diante da necessidade da sobrevivência, a única saída que resta a essas famílias é colocar todos os membros da família para trabalharem assim resistem com muita dificuldade.

Diante essa situação esses sujeitos vão traçando estratégias de sobrevivência, a moradia assume um valor único, pois quem tem casa própria resiste melhor as dificuldades, a educação apesar de aparecer como algo importante na fala desses sujeitos, todos gostariam de ter podido estudar mais, acabou ficando impossibilitado, pois, uma outra necessidade assume 1º grau em importância na vida desses sujeitos, impede que se continue os estudos. Essa importância primeira é a alimentação, acredito ser esse valor o que levou esses alguns desses homens e mulheres ao Lixão e posteriormente construírem valores que ratificam, tanto o material reciclável quanto o seu ofício como um trabalho digno de seu orgulho, pois é esse trabalho que garante o seu sustento físico e a sua dignidade.

continuar, não tinha jeito, faltava uma condição adequada” Essa fala é do Sr. Camargo, mas ela está presente no relato dos demais, sempre a resposta é referente a falta de condição. Em alguns casos a fala é mais explícita, como é o caso de Roberto: *“Fiz até o 2º ano primário, sai para ajudar a mamãe, fui engraxar sapato, vender jornal.”*

Considerações Finais

É sob a ótica dessa problemática, a busca pela sobrevivência, que homens, mulheres e crianças fazem o que for necessário para garantir o sustento de sua família. É nesse contexto que podemos analisar o porquê esses sujeitos acabaram no Lixão da cidade, realidade essa que não é específica de Araguari, mas é recorrente em todo o país, chegando assim ao ápice da miséria existencial do ser humano e explicitando o vergonhoso quadro de desigualdade social que reina no Brasil.¹⁴²

Contudo, esses sujeitos, sejam os que trabalhavam no Lixão ou não, mesmo se encontrando a baixo da linha de miséria disputando espaços com os urubus, ou sendo humilhados na cidade pelos transeuntes, acabaram por construir, alicerçados em seus costumes e valores, uma identidade do que é SER um catador de material reciclável.

É o caminho percorrido por esses sujeitos que vai da violação da sua condição humana¹⁴³ ao ápice da identificação dos mesmos enquanto uma classe, orgulhosos de sua profissão afirmando ser um trabalho honesto, com o qual eles garantem a sobrevivência de suas famílias e certos da sua importância, não só para a limpeza da cidade, mas também para melhoria das condições ambientais do planeta, ratificando assim a dignidade desse grupo que resistiu e ainda resiste as dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores, que busco de fato refletir nesse trabalho.

Ao perguntar sobre o trabalho que eles exercem, a maioria dos entrevistados são unânimes ao confrontar sua posição de quando começaram a catar reciclável com a de agora, eles estão na verdade percorrendo, através de sua fala os dois momentos marcantes em suas vidas. Primeiro, quando eles começaram foi devido a extrema necessidade financeira, pois precisavam garantir o sustento de suas famílias e se encontrando desempregados, sentiam vergonha se compreendiam como um nada, sendo o próprio lixo. Segundo, é o momento atual, eles se enxergam enquanto catadores de

¹⁴² Um exemplo da amplitude dessa miséria existencial da maioria dos trabalhadores brasileiros pode ser percebido em qualquer espaço seja esse rural ou urbano do território brasileiro, mas falando especificamente sobre os catadores podemos citar o documentário A Ilha das Flores de Jorge Furtado. Onde mostrava homens, mulheres e crianças disputando espaços e comendo os restos dos porcos.

¹⁴³ Eu compreendo essa realidade vivenciada por esses homens, mulheres e criança, no Lixão como sendo aquilo que Hanna Arendt definiu como perda da condição humana, pois, eles não só estavam misturados a toda sorte de dejetos e urubus, como também já se afirmavam ser o próprio lixo, se misturando e se alimentando do mesmo.

material reciclável, sendo para eles sua profissão seu motivo de orgulho e dignidade, a esse respeito a fala de dona Maria que trabalhara no Lixão é bem marcante:

Chamavam nós de lixeiro, de primeiro quando nós íamos lá para o Lixão aí passava nas ruas e eles falavam: olha lá a lixeira! Aí eu pensava, nós somos lixo mesmo. Mas aí agora eu falo, nós trabalhamos com reciclável, não tenho vergonha de falar nas lojas aonde eu vou. Eles perguntam onde eu trabalho, eu falo: eu trabalho na ASCAMARA, sou catadora de material reciclável. Hoje eu não aceito não, nós não trabalhamos com lixo, trabalhamos é como material reciclável.¹⁴⁴

A fala de Dona Maria mostra bem essa questão temporal, ela traça um paralelo entre o passado e o presente, demarcando também como se compreende e identifica em cada um desses momentos, mas fica a questão. Como se efetivou essa passagem de uma condição humilhante ao orgulho de ser um catador de reciclável? Creio que a resposta seja a identificação desses sujeitos, ao longo dos anos, com o seu ofício, no princípio catar reciclável era o único meio encontrado para a sua sobrevivência, desempregados e sem nenhuma perspectiva, encontraram no Lixão a solução. A fala de Marilda elucida a dificuldade dos catadores nos primeiros contatos com os moradores, após deixar o Lixão:

Na hora de você pôr a cara na rua, sabendo que você estava perdido no meio do lixo, você pega e pôr a sua cara na rua batendo de porta em porta. Você era nada estava no meio do lixo. Pensava assim, o morador vai maltratar excomungar nós, falar mal porque nós somos do lixo. A vergonha era muita.¹⁴⁵

O depoimento de Marilda é muito emocionante, pois reflete a condição em que eles se encontravam, pois, se estavam em meio ao lixo, dividindo espaço com os urubus e comendo o que vinha nos caminhões, eles acabaram se sentindo o próprio lixo, um nada, como eles iriam chegar e conversar com as pessoas se eles próprios não se reconheciam como seres humanos? O depoimento de Roberto relata essa condição sub-humana:

¹⁴⁴ Ao lembrar desses momentos a expressão de Dona Maria, passa de tristeza e dor, quando ela fala sobre o período do Lixão e as humilhações sofridas, para uma de orgulho e dignidade ao falar que é catadora de material reciclável.

¹⁴⁵ A expressão de Marilda ao falar sobre os primeiros dias que saiu de rua em rua pedindo material, era de agonia e inquietação, em seu olhar ela parecia reviver tudo aquilo, pois ela estava agitada.

*O caminhão do União (supermercado) ia lá e despejava, o que tinha de coisa boa nós pegávamos: arroz, feijão cru, macarrão, extrato e bolacha. essas coisas tudo a gente trazia pra casa. Despejava lá e a gente atacava igual urubu na carniça, pegava e trazia tudo pra casa, era a nossa ajuda.*¹⁴⁶

Mas esses sentimentos mudaram no interior desses sujeitos, hoje, esse ofício, faz parte de suas vidas e seus valores, congregando esse exercício aos seus sentimentos, pois ao resistirem a discriminação da sociedade e o próprio medo de serem humilhados, foram reelaborando os seus próprios valores, sejam eles associados ou não, provenientes do Lixão ou não. Ao perguntar, o que eles sentem, quando as pessoas se referem ao material reciclável como lixo, a reação é unânime, todos ficam indignados afirmando que esse material não é lixo. A fala de Dona Maria de Fátima Santos (particular) elucida esse fato:

*Tem gente que fala que é lixo, se falar isso para mim e para a Darc. (sua irmã) para a Darc é ainda pior, se falar que isso aí é lixo, ela briga mesmo. já chamou a atenção de muita gente. Porque é dali que a gente tira o dinheiro pra comprar o alimento, um pão, um leite. Ele é o ganha pão, ganha leite o ganha arroz.*¹⁴⁷

A partir dessa fala podemos perceber que os sentimentos dos catadores em relação ao material coletado mudaram significativamente, antes eles se referiam ao material e a si mesmos enquanto lixo ou urubu na carniça, agora, esse material, além de garantir o alimento da família, simboliza a dignidade desses sujeitos, representa um triunfo, uma vitória.

Ao repudiar a conotação de lixo para o material que é sinônimo de sua sobrevivência e o seu modo de vida, esses sujeitos estão creditando valor a esse trabalho e a eles mesmos enquanto catadores de reciclável e não de lixo. Pois, lixo, como eles próprios definem, é algo não aproveitável, já o reciclável, tem muito valor para esses sujeitos.

¹⁴⁶ Roberto ao falar sobre esse período e, principalmente, quando se refere à comparação deles com os urubus, ele perde momentaneamente sua habitual alegria, ele fica taciturno e melancólico, fazendo pausas durante a fala, como se estivesse sem ar para respirar.

¹⁴⁷ Dona Maria ao falar sobre a importância que esse material tem para ela e que não aceita que ele seja chamado de lixo, o compara com comida, mostrando os pães em uma lata, um saquinho de arroz e uma caçarola de carne, nesse momento ela disse: “*Está vendo o resultado desse material, é comida pra nós*”

A indignação dos catadores quanto à denominação de lixo ao material reciclável, na verdade pode ser entendida como uma forma de resistência ao duplo caráter pejorativo imposto a esses sujeitos, ora de pobres coitados, ora de marginais, perambulando pela cidade igual “bicho fuçando lixo.”¹⁴⁸ É esse estigma que oscila entre discriminação, compaixão ou marginalização, que eles buscam desconstruir.

Essa negação dos catadores de reciclável de Araguari, quanto à titulação desse material como sendo lixo, lembra a análise de Maria Andréia Angelotti, em relação aos apanhadores de café de Araguari, quanto à negação por parte dos mesmos do nome de bóia-fria, como sendo o mesmo pejorativo ferindo a sua dignidade:

(...) ao se recusar e se afirmar que “não se come comida fria”, pode-se manifestar que a condição do bóia-fria vem sendo repensada cotidianamente por esses trabalhadores. Ter a alimentação quente parece recuperar elementos de uma dignidade perdida, causada pelo uso pejorativo do nome dado a esses grupos e pela própria condição de trabalhador rural, temporário e volante.

Nesse sentido percebo, não apenas uma negação, mas sim uma indignação por parte dos catadores quando alguém refere a esse material como lixo, assim como os apanhadores de café buscam, através de uma alimentação quente, resgatar a sua dignidade perdida, os catadores de reciclável querem firmar a dignidade e a importância do seu trabalho, ratificando que eles não trabalham com lixo. O que na verdade, este, pode ser entendido como a representação do fim, pois a palavra lixo significa algo imprestável, sem utilidade, ao passo que ao afirmar que trabalham com reciclável, a representação é exatamente o oposto, é um eterno recomeço e reutilização, assim eles firmam a importância do seu ofício, a esse respeito o Sr. Camargo disse: “Esse material não é lixo não, ele serve para muita coisa, igual mostrou na televisão serve para fazer enfeite, brinquedos, já lixo não serve para nada.”¹⁴⁹

Dessa forma, esses sujeitos vão reelaborando os seus valores, anexando novas experiências e costumes, como isso forjam um novo modo de vida se aproximam, devido a interesses que lhes são comuns e se identificam possibilitando a formação de

¹⁴⁸ Essa expressão foi um desabafo de Maria de Fátima Silva Santos, quando eu lhe perguntei como era a reação das pessoas na rua quando a via recolhendo material, ela dissera que as reações oscilam entre pena, nojo e respeito. “Tem uns que fica com nojo da gente, falando que é uma vergonha a gente ficar ali igual a bicho fuçando lixo, outros ficam com pena da gente e falam: coitadinha olha que tristeza. Mas também tem aqueles que gabam a gente e falam: tá vendo que é honesto não escolhe o que fazer não.”

¹⁴⁹ Entrevista realizada em 15/11/06.

um grupo que agora não pertence mais ao lixo, mas sim são homens e mulheres que se reconhecem como catadores de materiais recicláveis e tem orgulho disso, a esse respeito Dona Maria disse: “Eu acho que nós os catadores de material reciclável merecia um diploma, nós sabemos tanta coisa né”.¹⁵⁰

A fala de Dona Maria ressalta o quanto, esses sujeitos creditam importância ao seu ofício, o interessante é que essa mesma mulher, em seus relatos, quando se referia ao começo de seu trabalho como catadora, se achava o próprio lixo. Essa mudança, em relação a si mesmo e ao trabalho exercido é percebida também em outros catadores, a fala de Marilda mostra o valor que hoje ela concede a sua experiência, ao que aprendeu e que pode ensinar:

O povo da cidade (os catadores que depois se associaram) que não sabia o que era reciclável entrou com a gente aqui, a gente foi ensinar a experiência que a gente tinha foi passar para o povo da cidade. Porque eles não são catadores, tem tudo para aprender com nós.

Em seu depoimento Marilda demarca uma diferenciação, entre o “povo da cidade” daqueles que vieram do Lixão, nessa demarcação ela separa a questão da experiência e o SER catador, quando ela afirma que foi ensinar para eles o seu saber, percebe-se a importância que ela credita ao seu trabalho, ela agora não se vê mais como o próprio lixo, mas sim alguém que é dono de um saber. E quanto a sua afirmação de que o “povo da cidade” não é catador, ela quer dizer que SER catador é diferente de ESTAR catador, pois na associação nem todos que ali trabalham fazem apenas esse ofício, na verdade em alguns casos como o do Sr. José Nilton é apenas um bico:

Eu trabalho é nos café sempre andei trabalhando nos café, mas café tá difícil e também não é época de colheita, aí trabalhar na ASCAMARA é melhor do que ficar parado, se eu conseguir ir para o café eu vou.¹⁵¹

Essa é uma das grandes preocupações de Marilda, que os fazedores de bicos, como eles não se entregam totalmente a esse trabalho, eles não SÃO catadores, mas sim

¹⁵⁰ Isso foi a primeira coisa que a Dona Maria me falou quando eu cheguei na Associação. antes mesmo de começar a entrevista.

¹⁵¹ Essa fala é resultado de uma conversa informal que tive com o S.r José Nilton de 34 anos, no final de mais uma manhã de coleta de material reciclável, ele estava esperando os demais colegas chegarem para irem para o galpão. ele é baiano e está sempre migrando a procura de panha de café. Dia 16/02/07

ESTÃO catadores e possivelmente amanhã já não estarão mais ali. Mas ela não, SER catadora é parte integrante de sua vida, não apenas a garantia do seu sustento financeiro, mas onde ela forjou um novo modo de vida, reelaborou os seus valores e costumes e se identifica enquanto catadora de material reciclável.

Talvez ela faça uso do nome do Lixão, buscando mostrar que eles passaram por dificuldades maiores, por isso eles dão maior valor ao que eles têm hoje, dessa forma, ela não está desqualificando quem não era do Lixão, na verdade o que ela busca demarcar é quem É catador de quem ESTÁ catador e a diferença é significativa como ela própria definiu: “Ser catador tem que fazer como amor, tem que gostar de fazer”.¹⁵²

É claro que, como o Sr. José Nilton que está na coleta do reciclável temporariamente, existem vários espalhados pela cidade realizando os bicos para sobreviver, mas também existe uma aproximação entre esses sujeitos, (isso não é referente apenas a casos como o da Marilda e da Dona Maria que identificam enquanto catadoras de reciclável, na verdade é recorrente em todos os depoimentos que foram coletados para esse trabalho, mesmo no caso do Sr. Pedro que ainda sonha em voltar a exercer sua profissão de carpinteiro) onde eles buscam firmar os seus direitos de trabalhador honesto, buscando construir e desconstruir ao mesmo tempo. Construir uma concepção de legitimidade do seu ofício como qualquer outro trabalhador, assim como consolidar a importância da existência dos catadores para a proteção ambiental e desconstruir o duplo estigma, ora de “coitadinhos” e tampouco como “marginais” ou “imundos”.¹⁵³

¹⁵² No dia 16 de fevereiro de 2007 quando eu conversava com o Sr. José Nilton, eu vi uma cena impressionante, Marilda que tem no máximo 1 m e 40 cm e pesa uns 40 kg, estava arrastando um carrinho lotado de material reciclável, as rodas do carrinho estavam murchas devido ao peso. Nesse momento eu fiquei impressionada com a força interior daquela aparentemente franzina mulher, quando eu lhe perguntei de onde vinha toda aquela força ela me disse: “*Isso é a força que vem de Deus*”. Eu acredito que essa expressão é na verdade a mais perfeita definição de um sujeito que se identifica com aquilo que exerce, quando Marilda fala que vem de Deus, compreendo que ela coloca no seu ofício não apenas o seu franzino físico, mas também e principalmente a sua alma, todo o seu ser, colocando ali a expressão dos seus valores e como ela mesma definira todo o seu amor, assim podemos dizer que Marilda É uma catadora de material reciclável e busca ratificar a importância do seu trabalho perante os olhos da sociedade.

¹⁵³ Essa preocupação é recorrente em todas as falas, não apenas dos que foram entrevistados: “Nós só queremos que nos respeitem, não somos nem marginais e nem mendigos, somos trabalhadores”. Essa frase é resultado de uma abordagem que eu fiz com um senhor quando ele recolhia o seu material no Mercado Municipal, no dia 23/01/07 (um lugar muito movimentado por ser parada dos ônibus de transporte intermunicipal) ele estava recolhendo umas garrafas plásticas que estavam ali jogadas, quando um ônibus chegou e buzinou para que ele retirasse a sua bicicleta com a carrocinha daquele local. Depois que nós conversamos eles continuou ali nas imediações do Mercado Municipal a procura de material reciclável. Tudo que eu sei desse Senhor é que ele se chama Joaquim da Cruz, ele é aposentado e trabalhava como carrinho de picolé, mais preferiu o reciclável porque a renda é um pouco melhor.

Eles desejam que sejam respeitados enquanto trabalhadores e ter acesso a seus direitos de cidadãos, é isso que esses sujeitos firmam na sociedade, onde eles empreendem suas lutas e resistências em busca da sobrevivência, física, cultural e moral, buscando ratificar através da valorização do seu ofício, assim como negam a titulação reducionista de lixo para o material reciclável e para si mesmos de “lixeiros”, “mendigos” ou “papeleiros”¹⁵⁴ estes travam uma batalha em defesa de sua valorização, não apenas enquanto trabalhador e cidadão, mas principalmente na sua condição de ser humano.

Creio que o percurso nos relatos desses sujeitos deixa essa questão evidente, pois ao longo das entrevistas eles buscam demarcar uma diferença entre o período que se qualificavam enquanto o próprio lixo, aceitando a discriminação que lhes era imposta e o presente momento, onde esses sujeitos, alicerçados em seus valores e interesses em comum construíram o seu próprio modo de vida, não se identificam mais enquanto pertencente ao lixo, mesmo com todas as dificuldades financeiras que aqui foram salientadas. Mas sim, na condição de homens e mulheres dignos, trabalhadores e merecedores do respeito, direitos e reconhecimento de seu valor por parte da sociedade, assim como do Estado que na verdade “concede” aos mesmos uma versão assistencialista daquilo que deveria ser direitos e não esmola.

Pois, a realidade desses sujeitos hoje é bem diferente daquela quando eles se encontravam desesperados ao ponto de irem para o Lixão da cidade para garantir pelo menos que sua família não morresse de fome. Assim pode-se afirmar que esses sujeitos que se encontravam abaixo do nível de condição humana, hoje, apesar de viverem em uma condição ainda muito precária financeiramente, eles se identificam, mediante a suas resistência, (nem sempre explicitas) respaldadas em seus costumes e hábitos e na reelaboração dos seus valores, o que na verdade pode ser traduzido como sendo a construção de uma cultura, a dos Catadores de Material Reciclável. Assim podemos dizer que essa passagem feita por esses sujeitos é na verdade a formação de uma identidade, que se formou mediante a somatória de dois fatores, cultural, alicerçada nos valores, sentimentos e costumes dos trabalhadores e econômico, mediante a desigualdade social reinante no Brasil. Fazendo uso da reflexão de Thompson¹⁵⁵ quando

¹⁵⁴ BENINCÁ, Dirceu. O “lixo” os “papeleiros” e a “reciclagem”. *Revista Mundo Jovem*, um jornal de idéias. Porto Alegre, ano XLI, nº 335, p. 5, Abril 2003.

¹⁵⁵ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 3 vol.

ele se referia à formação da classe operária inglesa, esses trabalhadores tanto formaram a si próprios como foram formados.

O certo é que esses homens e mulheres, que hoje são catadores de material reciclável de Araguari, construíram novos saberes e novos valores, pleiteando junto a sociedade o direito a respeito e a dignidade, respaldados na sua condição de cidadão e trabalhador. Assim como, depois da estadia no submundo da condição humana, eles, mesmo vivendo em precárias condições materiais, ratificaram para si mesmos que não são os dejetos da sociedade, mas sim trabalhadores, cidadãos e principalmente seres humanos.

“Nós descobrimos que somos alguém, gente como todo mundo, igual qualquer um cidadão que trabalha sabe, não somos lixo não”¹⁵⁶

¹⁵⁶ Marilda de Fátima Balbino. trabalhou no Lixão agora é associada a Ascamara. Entrevista realizada em 28/11/06.

FONTES

Fonte oral:

1- Marilda de Fátima Albino, natural de Douradoquara, trabalhou no Lixão de 1996 a 2001, quando fundou a Ascamara ela se associou e não saiu, ela é casada mãe de um filho, residente no bairro Independência de aluguel.

2- Maria de Fátima da Silva, natural de Douradoquara, trabalhou no Lixão de 1996 a 2001, quando fundou a Ascamara ela se associou e não saiu, ela é casada mãe de quatro filhos, residente no bairro Independência em casa própria.

3- Maria de Fátima Silva Santos, natural de Ituitaba, nunca trabalhou no Lixão, depois que seu marido adoeceu e não consegue nem emprego e nem se aposentar, ela começou a trabalhar com o reciclável, ela é casada mãe de quatro filhos, mora no bairro Independência em casa própria.

4- Pedro Pereira Alvim, natural da zona rural de Araguari, nunca trabalhou no Lixão, depois que adoeceu com um problema de coluna e não consegue exercer sua profissão de carpinteiro, da qual ele tem muito orgulho, e tampouco consegue se aposentar, em 2002 ele começou a vender reciclável, trabalha por conta própria, ele é viúvo mora com uma filha e quatro netos em uma casa muito precária que é cedida pela proprietária, porque ele não tem condições de pagar o aluguel.

5- Roberto Pereira dos Santos, natural de Uberlândia, trabalhou no Lixão, segundo ele afirma mais ou menos três anos, em 2001 foi para a Ascamara, mais em 2005 acabou deixando a Associação e hoje trabalha por conta própria, não é casado e não tem filho, mora no bairro Independência de aluguel.

6- José Camargo, natural da zona rural de Araguari, nunca trabalhou no Lixão, é aposentado e viúvo tem um filho que mora com ele em sua casa própria no bairro Independência.

7- Vanessa Manuelli, natural de Araguari, é casada mãe de dois filhos, reside em casa própria, entrou na Associação em 2005.

8- Vera Lúcia, natural de Araguari, é casada e mãe de quatro filhos, reside em casa própria, no bairro Independência, entrou na Associação em 2005.

Fontes Escritas:

Jornais e Revistas:

Jornal “O Diário de Araguari” 1998-2006.

Jornal “Gazeta do Triângulo” 2006.

Jornal “Folha de São Paulo” 2006.

Revista “Mundo Jovem” 1997- 2005

Documentos oficiais:

Atas da Associação dos Catadores de Material Reciclável de Araguari 2001-2006.

Arquivos da Secretaria do Meio Ambiente

Arquivos da Secretaria de Trabalho e Ação Social.

Lei Orgânica Municipal 1990 . Câmara Municipal de Araguari.

Fontes diversas:

Filme/ Documentário: A Ilha das Flores –

Música: Alagados – João Baroni, Bi Ribeiro e Hebert Viana, 1985

BIBLIOGRAFIA

- ANGELOTTI, Maria Andréia do Carmo. *Lavradores de Sonhos: saberes e descaminhos de trabalhadores volantes*. São Paulo: Ed. PUC, 2006.
- ARENDT, Hanna. *A condição humana*. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOSI, Antônio de Pádua. *Os "Sem Gabarito": Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980*. Cascavel: Edunioeste, 2000.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1929/1989*. 2ª.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- _____. *História e teoria social*. São Paulo Editora da UNESP, 2002.
- COSTA, Fernando Braga. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Ed. Globo, São Paulo, 2004.
- COUTO, Ana Magna Silva. Os coletores de papel na cidade: Trabalho, valores e práticas sociais. *CDHIS. Uberlândia/MG. Boletim informativo especial: n° 24*, 1º semestre/99
- _____. *Religiosidade, Precariedade e Resignação: Experiência e lutas de trabalhadores na cidade*. CDHIS. Uberlândia/MG. 1º e 2º semestre/2001
- _____. *Trabalho, Quotidiano e sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade- Uberlândia 1970-1999*. 200 f. Tese de Mestrado, PUC/SP, 2000.
- FENELON, Dea Ribeiro. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa*. Revista *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP. Programa de Estudos Pós-graduados em História da UFU, n° 6, pág. 05-23.
- FENELON, Dea Ribeiro. *O Historiador e a Cultura popular: história de classe ou história do povo*. *História e Perspectiva*. Uberlândia-MG: UFU, n° 6, 1992.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Artes da memória: fontes orais e relato histórico*. In: *História& Perspectivas*. Uberlândia/MG. EDUFU, nº23, jul/dez 2000, pág. 99-114.

GOMIDES, Clécio Eustáquio; GONÇALVES, Scheila Samartini. *Cartilha de Orientações para atendimento do artigo da deliberação normativa 52/2001 do Conselho Estadual de Política Ambiental*. FEAM, Fundação Estadual do Meio Ambiente, Abril, 2005.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. 1º.ed. São Paulo. Editora 34,2000.

_____, Lúcio. *Espoliação Urbana*. 2º. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

LUZIA, Márcia Resende Silva. *Formal X Informal: Uma releitura a partir da experiência dos carregadores*. CDHIS. Uberlândia/MG. Boletim informativo Especial: nº 24, 1º semestre/99.

MARSON, Adalberto. *Reflexões sobre o procedimento histórico*. In: SILVA, Marcos A. da Silva. *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ANPUH-Núcleo de São Paulo, 1984, pág. 37-64.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

MORAIS, Sérgio Paulo. Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia – 1970/1998) FENELON, Dea Ribeiro e outros. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, pág. 225-246.

NETO, Miranda. *Os lucros da fome: o mito da escassez de alimentos*. Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, 1982.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, vol. 1, nº2, 1996. p. 59-72.

_____. “O que faz a história oral diferente”. *Cultura e representação-Projeto história*. São Paulo: EDUC, nº14, pág. 25-39, fev. 1997.

_____. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum". In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (org) *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, FGV, 1996.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. "História regional e local: problemas teóricos e práticos". In: *História & Perspectiva*. Uberlândia: EDUFU, 1997, pág. 165-185.

SADER, Eder; GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SAMUEL, Raphael. *História local e história oral*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n.º. 19, ANPUH/Marco Zero, Set/1989/Fev/1990, pág. 219-243.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Tradução: Sergio Alcides. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.

TELLES, Vera Silva. A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direito entre as classes trabalhadoras urbanas. *São Paulo em Perspectiva*, vol. 4, n.º. 2, abr/jun. 1990.

THOMPSON, Edward P. *A história vista de baixo*. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VARUSSA, José Rinaldo. Catadores de Papel em Marechal CÂNDIDO Rondon-PR: memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho. In: ALMEIDA, P. R. (org) *Outras histórias: memórias e lugares*. São Paulo, Olho d'água, 2006.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias? In: FENELON, Dea Ribeiro e outros. *Muitas memórias, Outras histórias*. São Paulo: Olho'Água, 2004, pág. 247/262.